

J. G. Montalvão e Silva

1.º TENENTE D'ARMADA



BREVE MEMORIA
SOBRE O SEU TER-
RITORIO, CLIMA,
PRODUCCÃO, USOS
E COSTUMES INDI-
GENAS, INDUSTRIA,
AGRICULTURA E
COMMERCIO.

Alli Timor que o lenho manda
Sandaló salutífero e cheiroso

CAMÕES, Canto X, E. CXXXIV.

TYPOGRAPHIA "A EDI-
TORA"—LARGO DO
CONDE BARÃO, 50—
LISBOA—1910.

A nossa provincia de "Timor"

O estudo completo d'uma região nas suas intimas ligações com os povos que a habitam e sob os aspectos principaes que constituem a sua riqueza, terra, capital e trabalho, por pouco extensa que seja, demanda conhecimentos especiaes de sociologia e economia para cabalmente poder satisfazer o inquerito proposto n'um plano de investigação e questionario como foi distribuido, formulado com uma minuciosidade intelligente, uma meticulosidade scientifica que evidenciam bem a sabia e apurada orientação d'um espirito ousado e embevecido por todos os altos problemas sociaes nas suas levantadas e humanitarias applicações á conquista e irradiação do bem estar, da civilisação, da riqueza e felicidade dos povos.

Dos tres grandes productores do valor positivo da riqueza, a terra é um d'esses elementos nos quaes o homem encontra os prodromos da sua riqueza material e comtudo bem insignificantes confortos lhe traria se a fecunda-la e valorisa-la não viesse o trabalho; como diz *Cousin*, a terra não seria nada sem as necessidades e sem o trabalho do homem. Que importa que a vida irrompa de um sólo uberrimo e que a natureza se manifeste em toda a sua maravilhosa seiva creadora, se a acção regularisadora, a avisada intervenção do homem não viesse aproveita-la expurgando d'esse excesso de vegetação os inuteis e perniciosos elementos que a exgotam e envenenam. Assim não vemos nós essas fertilissimas regiões tropicaes que a mais luxuriante vegetação cobre reduzidas no seu estado natural abrigarem umas populações infelizes vivendo á lei da natureza, fóra dos beneficios da civilisação, sem necessidades creadas e essas mesmas regiões votadas a uma esterilidade desconsoladora? Para que a terra intervenha como factor da riqueza é preciso que de agro, sáfaro e inutil se transforme em sólo cultivavel, que o homem se lhe ligue pelo trabalho e o capital a imponha como valor, é preciso que a terra seja possuida, que o direito de propriedade exista. A ligação entre estes factores da riqueza é tal que até se confundem na ideia, muito embora distinctos de facto. A terra, diz *J. Say*, póde passar por um capital dado gratuitamente pela natureza mas ao proprio indigente importa que seja uma propriedade para n'ella poder introduzir o trabalho pela cultura; a terra sem possuidor, como em geral succede em *Timor*, fica sem interesse porque como dominio commum não dá incentivo ao trabalho individual.

O capital é na verdade o nervo do trabalho, a grande móla da machina social e a historia mostra-nos que a terra tem estado tanto mais desvalorizada, as industrias mais rudimentares, o povo mais escravo e mais miseravel quanto mais escasso era o capital; é com o seu desenvolvimento e participação que as grandes empresas se teem effectuado,

a navegação, os caminhos de ferro, as machinas agricolas e industriaes que teem diminuido as cancelas dos homens multiplicando-lhes os productos. E' com o auxilio do capital que os homens se approximam, desaparecem as distancias, e as riquezas de todos os paizes se transportam promptamente até sob a mão do consumidor mais affastado, que os gostos se multiplicam, os desejos se estendem e que pouco a pouco o homem se eleva na escala das suas necessidades e dos seus gosos.

Para ligar porém os dois elementos primaciaes é preciso o cimento indispensavel do trabalho, porque sem elle não só a terra ficaria esteril como o capital seria inutil; sem o trabalho o moral do homem embrutece-se, o coração fecha-se a todos os sentimentos generosos, a sua intelligencia atrophia-se e sciencias, artes, civilisação seriam palavras sem nexos, tudo se perderia na noite do chãos. O trabalho como agente da riqueza é de tal importancia que economistas celebres, com *Adam Smith* á frente, chegaram a julga-lo como o unico productor do valor e da riqueza; tal concepção em absoluto é um exagero, pois como todas as coisas, o trabalho é um valor variavel incapaz de apresentar o timometro tão procurado pelos economistas. O que é facto é que é tão intima a ligação dos tres elementos productores da riqueza que impossivel é dar-se-lhe preferencia pois são igualmente essenciaes para a sua synthese.

N'uma terra nova, habitada por povos primitivos, por maior que seja a sua feracidade e as suas aptidões a terra offerece poucos recursos á humanidade, os povos vivem n'um estado miseravel e nem uma nem outros podem bastar ás necessidades d'um estado politico social. Em *Timor* tudo foi preciso crear e muito ha que fazer; ha uma riqueza desvalorizada, um vasto manancial para o qual é preciso desviar a corrente emigratoria mas não uma emigração miseravel e ignorante que só desacredita e augmenta o desequilibrio economico; para quem precisa livrar-se de onus, o futuro das colonias não está no seu povoamento só, está sim no seu desenvolvimento agricola, commercial e industrial.

Determinação dos centros de produção e trabalho

A nossa possessão da *Oceania* é formada por uma parte da ilha de *Timor* e pelas pequenas ilhas de *Pulo Kambing* e *Nasu Bessi* ou *Jaco*. A parte oriental de *Timor* que nos pertence com as ilhas citadas tem uma superficie de 19:209km² aproximadamente e está situada entre os paralelos dos 8º 20' S e 9º.20' S grãos, acha-se orientada no seu maior comprimento n'uma direcção NE:SW tendo a parte que nos pertence cerca de 450km (kilometros) de extensão e 90km (kilometros) na sua maior largura. A ilha de *Timor* é muito accidentada e de origem vulcanica, parecendo que um grande levantamento se operou de norte para sul, sendo a sua parte norte a mais revolta, caprichosamente cortada por profundos valles e alterosos pincaros das mais variadas fórmias sobre os quaes se encontram rochas calcareas de aspecto madreporico. No sentido do seu comprimento corre uma cordilheira central, elevando-se os cumes das montanhas que a formam na sua maxima altitude a 2950m (*Pico do Ramelau*), outras montanhas a estas se ligam como immensos tentaculos d'um polvo, innumerous montes se estendem para norte em todas as direcções enquanto para o sul as côtas vão progressivamente diminuindo, existindo planicies de dezenas de kilometros de largura e centenas de kilometros de extensão proprias para variadas culturas e cobertas em parte de boas madeiras mas na sua maioria desaproveitadas. Os centros principaes de produção acham-se situa-

dos na parte norte e central da colonia, sendo portanto n'estas partes o trabalho mais activo. O aspecto da parte Norte da ilha é pouco agradável porque o alcantilado das montanhas, os seus cumes irriçados e pedregosos, a vegetação esparsa e pouco variada proximo da costa dá-lhe apparencia de um sólo póbre e ingrato. A monotonia da paisagem apenas é quebrada pelos valles vicejantes por onde se escôam as innumeras ribeiras que fertilisam as planicies e que na epoca das chuvas se transformam em impetuosas correntes de caudalossissima violencia alagando os campos que deixam cobertos de humus. Passada a primeira cumiada começa a ilha então a apparecer-nos em toda a sua riqueza, valles verdejantes, ravinas profundas, uma serie ininterrupta de montes, cobrindo tudo uma variadissima vegetação em que as especies moluqueianas se confundem com as australianas, de todas as tonalidades desde o verde pallido das casuarinas ao verde negro dos cafeeiros e da *caripha gibanga* formando bosques extensos nas encostas humidas. A flóra de *Timor*, variadissima, na qual *Decaisne* distingue mais de 600 specimens proprios, offerece-se francamente aos nossos olhares extaticos perante tanta feracidade e magnificencia. O clima quente e depauperante do littoral desaparece e uma temperatura suave, um ar vivo e fresco enche-nos os pulmões, vivificando-nos o sangue que começa a tingir-nos as faces afugentando a anemia da pelle que nos dá um aspecto doentio e desagradavel. E' ao respirar aquelle ar puro e embalsamado das montanhas e na presença de uma tal exuberancia de vegetação que começamos então a comprehender a justificada fama de uberrima e feracissima região de que gosa *Timor*. E' na parte norte e central da ilha que se encontram os grandes centros productores agricolas, são porém pouco variadas as producções não obstante a magnifica adaptação da ilha a todas as culturas tropicaes e até algumas extra-tropicaes, mercê das grandes altitudes que se encontram. Até ha poucos annos o producto mais rico produzido na colonia era o café afamado pelas suas qualidades e aromas; hoje uma outra cultura se acha introduzida na colonia, a do cacau; levado como curiosidade para o jardim da missão pelo inolvidavel, benemerito e infatigavel trabalhador D. Antonio de Medeiros, bispo de *Macao* e *Timor*, foi depois aproveitado e espalhado pelo governador Conselheiro Celestino da Silva que adquiriu novas especies (*Creoulo* e *Forastero*) animando tambem a plantação de varias especies de arvores de borracha (*Ficus elastica*, *Hevea Brasiliensis*, *Castilloa*, etc.) inteiramente novas na colonia. Não me refiro por agora a novas culturas porque são o café e o cacau os productos ricos por excellencia que dão presentemente vida á colonia e podem, convenientemente animadas e espalhadas, leval-a ao mesmo gráo de prosperidade de *S. Thomé*.

Contem a tabella n.º 1 que acompanha esta breve memoria, a organização administrativa do districto autonomo de *Timor*, hoje elevado a provincia e que foi decretada em 17 de junho de 1909. Em harmonia com tal organização estabeleceremos como centros de producção do café, do cacau e do trabalho agricola mais importantes as areas dos commandos militares de *Liquiçá*, *Motael*, *Hato-Lia*, *Lama Kitos*; nos outros commandos ou concelhos, *Dilly Manatuto*, *Baucau*, *Lautem*, *Manufahi Batugadé*, *Okussi*, não se cultiva nem café nem cacau e acham-se mais ou menos espalhadas as culturas seguintes: arroz, milho, feijão, batata, algodão, tabaco, banana, côco, que em maior ou menor abundancia são aproveitadas na alimentação e proveito dos insulares, não se exportando senão algum côco no estado de *Coprah*. E' nas regiões do café que a vida agricola offerece maior variedade e corre mais intensa, pois basta a cafécultura para empregar muito pessoal e absorver as energias de que são susceptiveis raças indolentes sem habitos de trabalho como são as que habitam a ilha e das quaes a seu tempo nos occuparemos. Estes centros

de produção e de trabalho estão muito longe de produzir o que devem, já porque restricta é a zona aproveitada, já pela imprevidencia e desinteresse indigena que não tendo necessidades creadas e vivendo e agindo em inteira liberdade, tem aspirações muito limitadas e quasi nada a despertar-lhe o incentivo; o regimen de propriedade perfeita não existia e a que o uso estabeleceu só de ha quinze annos começou a ser assegurada e feita respeitar; possível foi e é hoje desenvolver a produção mas faltam as iniciativas, os capitães, a concorrência industrial, e a procura e portanto a terra representa um capital desvalorisado ou inactivo. A agricultura que se encontra n'um estado rudimentar, só em longinquas epochas entregue á iniciativa indigena, desamparada do auxilio europeu, entrará em phase activa regular e proveitosa, pondo em evidencia os immensos recursos d'um solo uberrimo quasi abandonado, a terra para ser fecunda precisa da constante applicação das faculdades dirigentes e activas do homem. O café dá ao indigena pouco trabalho, planta-o, vê-o crescer e aguarda que fructifique, limpando as plantações só quando lh'o ordenam, colhe-o na quantidade precisa para satisfazer um capricho, uma necessidade de occasião, descasca-o, lava-o, separa-lhe o fructo da polpa e expõe-o ao sol a seccar e sem se dar ao trabalho de o pilar vae entregal-o ao seu intermediario que lhe satisfaz o appetecido desejo ou se paga dos adeantamentos feitos durante o anno. Os centros de exportação do café e cacau das zonas productoras que indicamos são as villas de *Liquiçá*, *Maubara* e *Aipello* que enviam os productos que armazenam para a capital da colonia *Dilly*. Das outras culturas não vale a pena fazer-se menção especial, pois é uma riqueza que passa desapercibida porque é consumida na colonia, não dando logar a apreciação notavel na circulação dos productos, pois não havendo exportação d'elles em nada influe na sua compensatoria a importação.

Determinação dos centros de produção industrial economicamente ligados aos centros agrícolas

Em povos tão atrasados como os de *Timor*, onde os processos agrícolas são rudimentares, as industrias e o commercio hão de ser e são naturalmente lastimosos.

Quem não necessita não cria; o timor não tendo necessidades, não se dá ao menor esforço intellectual; não é habilidade nem aptidão que lhes falta, a natural indolencia torna-os porém indifferentes. As industrias agrícolas da café-cultura e cacao-cultura vem juntar-se a fabricação da cêra extrahida dos favos de abelhas silvestres que o timor se não dá ao trabalho de criar mas não se preocupa em destruir. E' nas arvores frondosas (*canarias*) e nos rochedos esburacados que vão procurar os enxames, fazendo-os fugir por meio do fumo de ervas que queimam. A industria do tabaco que os indigenas consomem na masca, cuja manipulação se reduz a segar as folhas e faze-las seccar ao sol, é pouco importante, não pela falta de terreno proprio para a sua cultura mas pelo seu limitado consumo. A serração de madeiras é feita em pequena escala e praticada quasi por assim dizer pelo governo só que utiliza estes materiaes nas obras que constroe; o que o indigena aproveita e derruba em larga escala é o sandalo, pela procura que d'esta madeira fazem os chinas que a enviam para os mercados de *Hong-Kong* e *China* onde se fabricam e trabalham essas mil chinezices testemunhas da habilidade e paciencia chim sem igual no mundo.

Além dos mercados da China que recebem o sandalo que cresce na colonia ha os im-

portantes mercados das *Celebes (Makassar)* e *Australia (Sydney)* que recebem todo o café, cacau e cêra produzido e preparado na colonia. Iniciou-se com bellas esperanças o mercado europeu e para Lisboa foram remettidos café e cacau que foram bem recebidos e cotados, mas peias aduaneiras e difficuldades de transporte teem desanimado as mais arrojadas iniciativas. A industria extractiva do sal acha-se monopolisada pelo governo da colonia de que aufero lucro importante e é da salina de *Laga*, sita no reino do mesmo nome, que vem esse precioso sal tão necessario á saude e de que os indigenas são apreciadores e consumidores prodigos; esta industria podia tornar-se importantissima se parallelamente se desenvolvesse a industria da pesca aqui pouco explorada e só por indigenas faceis de contentar empregando aparelhos primitivos.

Centros industriaes empregando materias primas immediatamente fornecidas pela agricultura

Só o algodão produzido na colonia é aproveitado para a industria local na fabricação de pannos (*taes fêto* e *taes mane*) com que mulheres e homens se cobrem nas zonas fóra do littoral, nas montanhas e em todas as regiões pouco frequentadas pelos negociantes chinas. Os pannos fabricados pelas mulheres em pequenos e primitivos teares de bambú ou de tamarindo são de confecção muito demorada, ficam porém muito bem tecidos, muito resistentes e teem uma bella apparencia, tornando-se por vezes notaveis pela harmonia das côres e regularidade dos desenhos revelando um fino gosto artistico. As côres são-lhes dadas pelos indigenas servindo-se de vegetaes (indigo, tamho) que abundam, com que obteem côres inalteraveis.

Um *taes mane* (panno de homem) leva pelo menos depois de fiado o algodão um mez a tecer e sendo simples, vulgar, vende-se ou troca-se por generos no valor de duas a tres patacas mexicanas ou sejam 1080 a 1620 réis da nossa moeda e por aqui se pôde avaliar a noção que os indigenas teem do tempo e do trabalho bem como a importancia das suas necessidades. Em Timor ha muitos reinos de que nos occuparemos tratando da divisão politica e administrativa, reinos mais ou menos rivaes e até com características especiaes ethnicas e philologicas, e em todos ha quem saiba fabricar pannos; pelas côres e pelos desenhos quem conhecer os habitos timores pôde com relativa approximação indicar a região a que pertencem os indigenas; ha porém reinos em que se fabricam pannos em maior escala e n'esta industria fazem consistir a principal manifestação do seu trabalho e commercio e taes são os reinos indigenas de *Marobo*, *Balibó*, *Sarau* que dão nome aos productos de zonas ou regiões mais vastas habitadas por povos cujos gostos se approximam mais. Se os timores cultivassem em larga escala o algodão, se fossem dirigidos por peritos europeus e tivessem aparelhos aperfeiçoados, era a tecelagem uma das industrias que maiores e melhores aptidões encontrava. Da grande variedade de plantas textis nativas tiram os indigenas filamentos para fabricarem as cordas e linhas que empregam nos usos correntes da vida; ao tratar da flôra mencionaremos os nomes das especies mais usadas n'este fabrico.

Centros de produção agricola

Os centros productores do cacau e do café são os commandos militares de *Liquiçá*, *Motael*, *Hato-Lia* e *Lamakitos*, com especialisação dos reinos de *Liquiçá*, *Boibau*, *Ulmera*,

Fatumasse, Pisso, Maubara, Motael, Ermera, Deribate, Mahubo, Forém e Fatumean como productores de café e *Mahubo, Liquiçá e Boibau* como productores de cacau. A area coberta pelas plantações de café não excede a vigesima parte da area total da parte portueza da ilha (1900^{km²}) e d'aqui se avalia em face do rendimento alfandegario para uma media de exportação de 832:304 kilogrammas de réis 35:839\$015 quanto a colonia renderia se o seu sólo fosse bem aproveitado e capitaes e braços se interessassem pelo seu aproveitamento. A area coberta pelas plantações de cacau não chega a 1000 hectares e só no anno passado se começou a exportar este producto, o qual foi recebido e considerado nos mercados de *Lisboa, Londres, Hamburgo e Sydney* não inferior ao de *S. Thomé*.

Simples explorações individuaes mais ou menos isoladas pertencentes a europeus existem, abrangendo uma area total approximada de 6000 hectares na qual se tem plantado conjuntamente com o café algum cacau, achando-se esta ultima espalhada e cultivada em maior escala pelas *Empresa Agricola Perseverança, Sociedade Agricola Patria e Trabalho, Companhia de Timor e Empresa Agricola de Timor*. O governo da colonia possui uma granja no reino de *Liquiçá* com o fim de ceder plantas a particulares, mas a superficie de cacau plantado não chega por todos a 1000 hectares, sem grandes esperanças de rapido augmento porque escasseiam os capitaes e aos indigenas não os seduzem innovações nem lhes agrada o trabalho.

Todos os productos da colonia são importados e exportados pelo porto de *Dilly*, capital da colonia, onde se acham reunidos todos os órgãos da administração e os detentores da riqueza da colonia e como esta é pequena superficialmente e não ha circumstancias que determinem a necessidade de uma referencia especial para cada centro ou zona de producção local e pelo contrario se confundem e generalisam as características das regiões productoras sob o ponto de vista climatologico, para fazer o estudo da climatologia da colonia dividiremos esta em duas partes naturalmente separadas pela cordilheira central que origina as differenciações que as distinguem.

Condições climatericas

Na parte ao Norte da cordilheira central as variações climicas mais notaveis permittem-nos fixar duas epocas distinctas sob todos os aspectos que se queiram encarar no campo metereologico. São a epoca da secca e a epoca das chuvas; a primeira vae de Maio a Novembro, a segunda de Dezembro a Abril; os mezes de Abril e Novembro são mezes de transição das monções conhecidas alli pelos ventos que com regularidade e persistencia sopram durante aquellas epocas, monção de leste (secca) e monção de oeste (das chuvas). A epoca secca é a mais fresca, mais saudavel, mais activa no ponto de vista agricola; a temperatura media no littoral regula por 28.º centigrados e a temperatura nas praias, apezar da reflexão e intensidade dos raios solares, não é augmentada, porque os ventos frescos do Nordeste e as brisas do Sul terral amenisam muito a temperatura e durante esta quadra o ceu d'um azul purissimo conserva se limpo de nuvens. Como a parte Norte é muito accidentada á medida que nos elevamos sentimo-nos gradualmente arrefecer e a 1000 metros d'altitude faz-se sentir já a necessidade de trocar fatos por outros mais peizados, de nos agasalharmos de noite, baixando a temperatura a 10.º centigrados sendo a maxima 24.º. Nas montanhas encontra-se um clima esplendido para a acclimação europêa e a 600 metros já não ha anopheles que envenenem o sangue. A epoca das chu-

vas é a mais quente, cahindo estas copiosamente principalmente nas montanhas, refrescando e limpando por momentos apenas a atmosphaera. Aos mezes de chuvas mais copiosas, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, correspondem temperaturas mais altas, sendo a maxima media no littoral de 36.º e por vezes o calor é asphixiante. No littoral as chuvas não são tão regulares nem tão abundantes como nas montanhas do interior, marcando o udometro apenas 470^{mm} enquanto nas montanhas vae a 880^{mm} e mais por mez. No littoral na epoca das chuvas o clima é pessimo, abundando os pantanos, é grande a humidade e nuvens de mosquitos precipitam-se ao escurecer sobre os povoados, as febres palustres não tardam a apparecer bem como as varias manifestações correntes e larvadas do impaludismo.

Nas montanhas e com a altitude as maximas medias baixam a 26.º e 28.º mas a copiosidade das chuvas e nevoeiros carrega a atmosphaera de humidade e affecções bronchiaes teem logar; não ha anopheles mas ha culex.

As marés barometricas são de pequenissima amplitude e um desnivel de uma meia duzia de millimetros dá logar a grandes e violentas depressões mas pouco persistentes felizmente, porque os seus effeitos são sempre devastadores. A media barometrica no periodo secco é de 760,^{mm}5 e na epoca das chuvas de 759^{mm}.

Na parte sul o clima é mais humido, a vegetação mais luxuriante, o sólo menos accidentado, havendo planicies de grande extensão. Ha duas estações de chuvas e duas epocas seccas; a primeira d'estas vae de Setembro a Dezembro a segunda de Abril a Junho, os ventos dominantes são os de Sul e Sueste, a primeira estação de chuvas vae de Dezembro a Abril e a segunda de Junho a Setembro com ventos dominantes do Sudoeste e Oeste. Em consequencia d'este regimen de chuvas os povos da costa sul obteem duas epocas de arroz e milho regulares por anno. Quando se vêm do sul para o norte nos mezes de Junho a Setembro depois de se haver subido a cumiada central não se pôde deixar de ser impressionado pelo contraste que offerecem as duas regiões; ao sul espessos nimbus, nevoeiros por vezes cerrados e chuva torrencial, as nuvens baixas vêm-se correr ao longo dos montes como que á procura de uma quebrada, de um caminho para o Norte fustigadas e apertadas pelo vento do Sul de encontro ás montanhas que se lhes elevam magestosas; do Norte o ceu do mais puro azul, o terreno cheio de luz e o astro do dia brilhando em toda a sua pureza, no Sul uma continua vestimenta de verdura de todas as tonalidades sobresaindo do nevoeiro extenso, ao norte as arvores e mattas amarellecidas, crestadas pelas ardencias do sol e activa evaporação causada pelos ventos rijos de Leste.

Cançados de atravessar caudalosos e perigosos ribeiros ou de aguardar que a torrente diminua para os vadear, ouvindo por toda a parte o marulhar das aguas correndo por inclinados e pedregosos leitões, vemos ao norte os sulcos claros, areientos e seccos dos ribeiros pelos quaes por vezes seguimos como por commoda e desembaraçada estrada, frisante contraste este, estranhos caprichos da natureza.

No littoral, que é pouco povoado, o clima é peor ainda que no norte porque a excessiva vegetação, a frequencia de pantanos e as nuvens de mosquitos tornam muito doentio o meio; o calor é mais intenso que no norte, elevando-se frequentemente a 40º centigrados a temperatura. E' preciso deixar as planicies; nas montanhas o clima é naturalmente melhor e livre de emanções pantanosas e por isso as populações procuram as encostas, vivem mais juntas e se encontram povoações maiores. Durante as chuvas quer na região do Norte quer na do Sul pesados nimbus e grossos cumulos forram a abobada

celeste, na qual se rasgam por instantes fendas que nos deixam ver o sol cõado; os ventos fortes de oeste revolvendo aquelle mar de nuvens depressa nos privam do prazer d'uma agradável mas fugaz observação. E' a ilha sujeita a tremores de terra que se tornam mais frequentes no tempo das chuvas, as quaes originam grande alvoroço, grande gritaria dos indigenas que abandonando os lares veem gritar ao (*nai maromac*) Senhor Deus que se não esqueça de que estão vivos, que a ilha é habitada ainda. Os ventos dominantes na costa norte durante a epoca secca são os do quadrante Nordeste frescalhões em Maio, rijos e desabridos em Julho e Agosto em todas as phases de lua. Sopram diariamente, vindo regularmente pelas 9 (a. m.) até ás 4 (p. m) açoutando as costas e levantando o mar. Em Setembro começam a enfraquecer os ventos que por Outubro e Novembro se fazem ao Norte, começando n'este ultimo mez a apparecer os primeiros ventos de Oeste, que de Dezembro a Abril sopram com violencia por vezes, trazendo tempo muito sujo, muito tempestuoso. O mez de Abril em *Timor* da transição das chuvas para a secca é dos mais tempestuosos e os furacões e rabos de cyclone mais violentos em 1898 e 1908 tiveram logar n'este mez. Na costa Sul os ventos do Sueste vão de Maio a Dezembro e os de Sudoeste de Dezembro a Abril, sendo porém mais alterosas as vagas levantadas pelos ventos impossibilitando os desembarques na costa.

Hydrographia

Deixando cahir a vista sobre um mappa de *Timor*, vendo-se o seu pequeno *inter land* reconhece-se logo que não pode haver cursos d'agua importantes que possam ser utilizados para navegação. As ribeiras que se despenham das montanhas, por mais longo curso que tenham e por maior que seja o numero de nascentes e affluentes que as alimentem, na epoca secca, só na costa Sul chegam á foz. Na costa Norte logo que as aguas chegam á planicie começam a infiltrar-se pelas areias accumuladas pelas enxurradas da epoca das chuvas, chegando na maior parte a desaparecer por completo, rebentando de novo as aguas perto do mar, misturando-se com as aguas do mar que as marés põem em continuo movimento. Na costa Sul os cursos d'agua são mais caudalosos, o que não admira havendo pelo menos oito mezes de chuvas torrencias, mas como o volume das aguas diminue muito logo que as chuvas param, a corrente das ribeiras deixa de lhes conservar aberto o desaguadouro e então as areias agglomeradas na fóz pelo bater das vagas formam uma barragem dando assim logar a canaes mais ou menos compridos (*coilões*) povoados de crocodilos que tornam perigosa a travessia. Por vezes os ribeiros represados dão origem a pantanos extensos onde se criam biliões de mosquitos que se lançam avidos sobre os que tentam aquellas paragens. Na costa formam tambem as chuvas e nascentes por vezes pequenas lagoas em depressões naturaes tendo algumas communicações com o mar, formando magnificas salinas porque no tempo secco, pela agglomeração de areias na costa o mar não pode penetral-os e a rapida e activa evaporação causada pelos ventos de jسته produz a formação de crystaes de chloreto de sodio. A exploração d'estas salinas é feita por conta do estado da colonia e o seu aproveitamento foi determinado pelo ex-governador Conselheiro Celestino da Silva.

Na costa norte os cursos d'agua mais importantes são a *Ribeira de Lois* que junta as aguas dos ribeiros de *Lau-ile*, *Marobo* e *Bébau* e pela extensão e volume d'agua no tempo

das chuvas a ribeira de Comóro a ribeira de Lacló cujas aguas chegam sempre ao mar, a ribeira de Laleia e Seisal. Na costa sul os cursos d'agua mais importantes são a ribeira de Ué Lulic, Ribeira Sui, Ribeira Sane, Ribeira de Lacló e Ribeira Bui.

Systemas de construcções e hygiene das habitações

As construcções indigenas reduzem-se em geral a barracas mais ou menos espaçosas de fôrma quadrangular cobertas de pequenos feixes de herva muito unidos e amarrados a uns travessões, fixos por sua vez a uns larázes que formam o esqueleto do telhado; sobre estes travessões e enfileirados de baixo para cima vão sendo dispostos os feixes e sobre as ultimas fiadas para fechar o telhado collocam feixes maiores cosidos pelo meio e sobre elles põem enthesourados pranchões de madeira pesados. Não sendo as barracas cobertas com herva são-no com folhas de palapa (*Carypha Australis*) que se vão sobrepondo e cosendo de baixo para cima ás travessas da armação do telhado. O telhado assenta sobre prumos de madeira e as paredes são formadas por bambú espalmado ou pelos peciolos da folha da providencial *Carypha Australis* que só por si fornece ao indigena material completo para as suas habitações. Nas montanhas, especialmente nas de grande altitude, as casas são cobertas especialmente de herva em feixes, prolongando-se o telhado até ao nível do pavimento do sobrado afim de abrigar as casas dos ventos frios e as barracas são elevadas do sólo construidas sobre pilastras e teem uma entrada unica. Por baixo abrigam-se os animaes domesticos, porcos, carneiros, etc. Nas barracas timoras falta todo o conforto, o ar entra por todos os intervallos da palapa ou do bambú; como povo ainda hesitante em se fixar á terra e a viver tranquillo, preocupa-se pouco com a habitação que constróe á pressa porque com o material que emprega podem-se construir confortaveis habitações; para se aquecerem fazem lume sobre umas pedras ou caixas com barro e pedras, parecendo então a quem está de fóra que as barracas estão ardendo, tal a quantidade de fumo espesso que d'ellas se evola; a um tal ambiente então só um indigena póde resistir. Esta necessidade que teem de fazerem fogo dentro das barracas para se aquecerem torna estas bem depressa pretas, queimadas e mal cheirosas. Só as casas de um ou outro chefe são construidas com mais conforto, tendo portas e janellas e as que as teem são feitas de taboões desbastados a parão, pois não empregam madeiras serradas nem de serra se sabem servir. O timor não tem a mais ligeira preocupação com a hygiene; as barracas por mais recente que seja a sua construcção, d'ellas deve fugir o europeu porque bem depressa estão cheias de parasitas de toda a especie. O timor não tem a menor noção de hygiene, não presta á sua pessoa mesmo cuidados de limpeza quotidianos, portanto menos os vota ás habitações; quando estas se acham já muito esburacadas, queimadas, inhabitaveis, faz nova construcção porque o material não falta, o tempo sobra-lhe e os artistas acham-se facilmente. Para guardarem as colheitas e as defenderem dos ratos fazem umas barracas elevadas do chão uns 2 a 3 metros, tendo os prumos a certa altura uns discos que impedem os ratos de trepar aos celieiros, ou aproveitam arvores que decotam e nas quaes dispõem uns estrados sobre que collocam o milho em espigas reunidas e ligadas em molhos aos pares e que acamam uns sobre os outros em fôrma de mēda, cobrindo os com palha ou folhas para os preservar da chuva. Nas habitações timoras geralmente não ha divisões, vivendo a familia na maior promiscuidade; o aspecto da povoação exclusivamente indigena visto de perto é verdadeiramente miseravel; geralmente as povoações são circum-

dadas por uns muros de protecção por vezes abaluartadas, cercadas de piteiras de agudos espinhos ou protegidas por meio de bambuaes que as abrigam dos ventos frios e asperos como são os que sopram do Sul.

Raças humanas — Numero de habitantes — Densidade da população indígena

Divergem as opiniões acerca das raças que habitam a colonia, os seus caracteres ethnographicos são na verdade confusos, pelo que uns dizem pertencerem á grande familia malaia, outros á raça papua (negro oceanica), no sentido exclusivista, parece-nos porém com boa razão que nem uns nem outros podem fazer affirmações genericas porque na colonia encontram-se a par os dois typos bem caracterisados. A tradição diz-nos que os primeiros habitantes da ilha vieram das terras do Nordeste habitadas por individuos da raça negro oceanica e Fornander que tão bem estudou os polynesios diz-nos haverem effectuado as suas migrações maritimas bem attestadas por monumentos archeologicos que mostram a antiga existencia de navios de coberta e se agora apenas constróem pirogas primitivas é porque por um d'esses phenomenos de degenerescencia vulgar em povos incapazes de se manterem n'um estado de civilisação a que só um acaso os elevou, a falta de qualidades ingenitas os fez regressar á vida selvagem e foi n'este estado de regressão que os europeus já os foram encontrar. Na verdade os indigenas que vivem nas montanhas teem os mesmos caracteres ethnicos das raças negro oceanicas, e o seu affastamento das praias póde explicar-se pela necessidade de se internarem para se defenderem ou fugirem aos ataques dos malayos que foram os phenicios do oceano Indico, dos makassaros e dos bugis que sulcaram nos seus praós os mares e eram os senhores do commercio em todos aquellas ilhas da *Insulindia*. Estabelecendo-se nas costas lançaram os seus agentes, alargaram as suas zonas de influencia cobrando impostos e só lentamente se misturaram com os primeiros invasores negro oceanicos porque os malayos, makassares e bugis como mahometanos eram retidos pelas suas crenças religiosas.

Estas raças puras, porque a verdade é que a historia ou o sangue individualisaram um typo malayo, não se fixaram, porque nenhuns vestigios ha em *Timor* de logares consagrados ao culto islamista, não se encontrando para leste das ilhas de *Bali* e *Lombok* signaes de fixação de crentes de *Mahomet*; é porém nas praias que ainda hoje se encontram typos com grandes affinidades malayas, resultado decerto de cruzamentos havidos. Os habitantes do littoral são brachi-cephalos, olhos pequenos, malares salientes, cabellos corredios, estatura mediana, tez amarelenta, sensuaes, crueis, viciosos e indolentes, de intelligencia viva mas de demorada comprehensão, são astutos e mentirosos e são typos que definham com rapidez. Os habitantes das montanhas são espadaúdos, de feições accentuadas, côr acastanhada, feições regulares, rostos compridos, olhos rasgados e olhar vivo, cabellos ondeados ou encarapinhados, nariz direito, aquilino mas largo na base, os beiços ora grossos ora delgados, fronte polida, são typos fortes, bem desenvolvidos e mais bem dispostos para o trabalho. Como dissemos é deveras confusa a ethnographia na nossa colonia, quer pelo abastardamento dos invasores, quer pela justaposição dos indigenas; a minha impressão pessoal é que nos achamos em face de raças caducas de quem não ha a esperar grandes progressos civilisadores mas susceptiveis de educação e aproveitamento convenientemente conduzidas com carinhoso e paternal interesse, impulsivos e incoherentes, precisam d'uma tutella protectora. Discordam muito as opiniões acerca da população

variando o seu computo entre cem mil a um milhão de habitantes só na parte portugueza, e dos primeiros é Affonso de Castro; este intelligente e benemerito governador não podia, pelas circumstancias em que se via, curar senão por informações e de todos é bem conhecido o cuidado com que os chefes occultam o numero dos seus vassallos. A nossa influencia no tempo d'esse illustre governador achou-se reduzida ao littoral e d'ahi as incorrecções involuntariamente por elle commettidas na sua bella obra, *As nossas possessões portuguezas na Oceania*, incorrecções proprias de quem só por informes pôde concertar ideias abastardadas pelo espirito inventivo e imaginoso dos timorenses. Impossivel nos é fixar a densidade de população por unidade de superficie e até dar a justa nota do censo da população, mas se attendermos a que cada um dos reinos citados no quadro I pôde pôr em armas em media 1:000 combatentes, que a relação de contribuintes para a cobrança do imposto de capitação em sete commandos, a que faltam ainda os arrolamentos de alguns reinos, se acha já em 56:982, numero que se elevará a cem mil incluídos os commandos e reinos que faltam e fazendo o computo das familias a uma média de cinco, teremos á nossa parte uns 500:000 habitantes; os nossos calculos ficarão talvez áquem da verdade mas dados seguros se irão obtendo com o proseguimento dos arrolamentos para a capitação, porque do interesse dos povos é fazerem as precisas declarações para se eximirem ás extorsões dos chefes indigenas que os vexam com os seus insaciaveis appetites e continuadas exigencias.

Nosologia

E' pobre o quadro pathologico em *Timor*, o clima das montanhas é tudo que ha de melhor pela sua benignidade, os povos que as habitam, livres dos accidentes morbidos das planicies, apresentam um ar sadio, uma robustez frisante e os proprios europeus que alli vivem se apresentam com bellas côres, fortes e activos, passando largos periodos de tempo sem a mais pequena alteração phisica. As doenças do aparelho respiratorio atacam os indigenas não porque a sua constituição para ellas os predisponha, pois o relevo orographico obriga-os a uma intensa gymnastica pulmonar, mas sim pela sua natural imprevidencia, pela falta de resguardos e de confortos. Na época secca os ventos frios do sul fazem-os arrepiar, mas a sua natural indiferença não os leva a cobrir-se e por toda a parte se ficam ao relento da noite, e, pneumonias e pleuresias fataes sobreveem-lhes no tempo da estiagem.

A malaria nas suas fórmias simples ou agudas, ataca-os tambem em tanto ou maior escala que aos europeus, porque estes teem cuidados prophylaticos e a febre (*icin-manas*) fa-los ter horror á proximidade e permanencia nas costas pelas consequencias perniciosas que lhes adveem e de que não tentam guardar se. Levados por necessidade ou ordem do governo a descerem ás praias, estabelecem-se em geral em terreno onde facilmente encontram agua e frescas sombras e taes terrenos nas costas são na sua maioria paludosos, miasmaticos, cheios de mosquitos. As noites passam-as em folgares; sem morigeração no alimento, bebem sem continencia e estas visitas quanto mais se demoram, mais prejudiciaes se lhes tornam porque contraem a malaria e as febres definham-os porque as não tratam. O contacto com o europeu já lhes fez conhecer o valor do quinino, mas não se dão ao trabalho de ir procural-o. Se estão affastados dos commandos onde ha ambulancias, é artigo que acceitam e pedem já, mas ainda não compram. Como trazem apenas cobertas

as vergonhas, facil lhes é ferirem-se e a falta de hygiene dá lhes por vezes ás feridas aspectos horripilantes, apresentando ulcerações enormes nos membros inferiores que, na Europa, só em doenças especialissimas se encontram; cedem porém estas feridas a uma medicação cuidada. As doenças epidemicas quando importadas na colonia causam verdadeiras hecatombes; a epidemia de variola a que assistimos, dizimou cerca de 40:000 pessoas. Estes indigenas, como teem medo á doença, abandonam os variolosos, de fórma que uma parte e grande morreu á mingua de cuidados. Foi esta epidemia atacada com energia, espalhando-se pelas montanhas enfermeiros e medicos a vaccinar, construíram-se hospitaes barracas a que depois se lançou fogo, recolheram-se grande numero de abandonados e conseguiu-se debellar e acabar com a doença. Oito annos são decorridos sem que se haja registado um só caso e durante este tempo tem continuado a vaccinação.

O que é notavel é que são as populações mais em contacto com os europeus que mais doenças contraem, ainda mesmo aquellas a que os europeus se mostram indemnes, taes como a elephantiasis; o facto em si não nos é extranho, pois sabemos que além da capacidade propria ou inicial das raças, o choque de duas populações causa sempre perturbações desvantajosas para a raça inferior ou tardivaga, levando os por vezes á eliminação. A syphilis é vulgar, encontrando-se muitos individuos com *bóbas*, pustulas que abrem por toda a parte do corpo, se enchem de pus, e rebentam. As biliosas e as perniciosas são pouco vulgares, especialmente em europeus. A tuberculose, importada talvez, ataca de preferencia os africanos que alli vivem, havendo porém bastantes casos em indigenas de *Timor* tambem.

O quadro II apresenta um mappa noso-necrologico.

Meios de comunicação na colonia e com o exterior

As comunicações na colonia fazem-se por caminhos mais ou menos escabrosos, pois não abundam as estradas e só ha poucos annos se puderam começar a regularizar os caminhos porque foi preciso submeter os povos que se achavam rebellados. A construção de estradas regulares torna-se muito dispendiosa pelos muitos accidentes do terreno e porisso se não póde ir depressa; todos os reinos porém se acham ligados por caminhos entre si e com a capital e sédes dos commandos e n'alguns ha iniciativas dignas do maior elogio, estradas magnificas feitas, marcadas e dirigidas pelos commandantes militares. O meio de transporte interno mais rapido é o cavallo e d'elle se utilisam os indigenas em larga escala, pois abundam estes solipedes na colonia, mas os timores são magnificos andarilhos e d'uma resistencia notavel nas marchas. Não ha, como já dissemos, vias fluviaes que facilitem as comunicações entre os insulares, com o exterior ha naturalmente só a via maritima.

Superfície total actualmente posta em exploração

Como já dissemos, a superficie cultivada e em exploração não excederá a vigesima parte para as culturas ricas e um quinto da area total para as outras culturas; não nos é facil porém pronunciarmo-nos com verdade porque não ha planta cadastral. Em *Timor* a maior parte das terras são exploradas pelos indigenas em comunidade, sem a ella se fixarem, excepção feita das varzeas de arroz e cafezaes. O terreno preparado serve-lhes

quando muito dois annos, abandonando-o em seguida para escolher outro coberto de arvores e mattos a cuja queima e incineração vão buscar o adubo necessario, e por esta fórma rudimentar de amanho nunca são extensas as zonas cultivadas; a natural indolencia, a incapacidade ingenita para providencias e calculos, não os deixa contar senão com as primeiras necessidades a fazer face e nunca com o futuro. A superficie em exploração, que com mais verdade se pôde indicar é a coberta pelo café e cacau, não excedendo a primeira a 1900km² e a segunda a 1000 hectares, havendo infelizmente n'estas areas muitas manchas improductivas por incuria ou atrazo; o cacau começa a ser explorado só por europeus, o Estado possui actualmente um horto experimental incapaz de grande desenvolvimento pela sua situação e qualidade do terreno.

Probabilidades d'augmento da superficie explorada

N'uma colonia onde tudo depende da iniciativa do governo, onde não ha capitaes e os povos que a habitam são d'uma indolencia typica, e a prodiga natureza lhes afugenta cuidados, para que os indigenas augmentem e tratem as suas hortas de café, é preciso que a auctoridade lho determine e os incite; os europeus são poucos, faltam-lhes capitaes e não são animados a fixar-se. Algumas iniciativas e boas vontades de progredir, se revelaram. Fundou-se uma sociedade agricola para explorar o café, o cacau e a borracha, mas, difficuldades de varias especies surgiram que lhe entravaram a sua acção patriótica. O desanimo alcançou já a muitos, e o sacrificio de dinheiros e trabalhos resultará esteril e de consequencias desastrosas para o futuro agricola da colonia, se uma sensata administração orientada pelos bons principios da protecção e incitamento se não affirmar sem detença; quasi dois annos são decorridos, após a crise aberta ás iniciativas particulares, e só se tem perdido terreno afugentando o pouco capital que já se achava empregado, e a falta de direcção e carencia absoluta de pessoal idoneo acabarão com tão esperançosas tentativas.

Produções principaes. Superficie occupada por cada. Producção

Já dissemos que a producção principal que notabilisa a ilha pela excellencia, aroma e superior qualidade do producto é o café; outras producções porém existem como o milho, arroz, tabaco, feijão, batata, algodão, cacau e coprah — que na sua grande maioria são consumidas pelos indigenas na sua alimentação cujas bases principaes são o milho e o arroz. A producção do café segundo as ultimas estatisticas foi de 832:302 kilogrammas, a de milho 4.200:000 kilogrammas, a de arroz 5.000:000 de kilogrammas e a de coprah exportada 81:709 kilogrammas; a de cacau exportada pela primeira vez no anno que findou foi de 6:200 kilogrammas. Todas estas producções podem e devem augmentar e para isso o que é preciso é não esquecer o velho axioma romano *Non tam regendae sunt quam colendae*. E' preciso muita liberdade no agir, prompto auxilio no crear.

A quantidade de cada producto por unidade de superficie impossivel é determinál-a, pois innumerables são as causas que influem na determinação quantitativa das variadas culturas tropicaes; umas são funcção do clima, outras do sólo, outras do proprio producto; só uma carta agraria perfeita e discriminativa de terrenos e culturas e um registo agricola por searas e producções podiam fornecer e ainda com approximação elementos

capazes. Em terrenos proprios para taes culturas plantou-se café de quatro em quatro metros ou 750 pés por hectare que no fim de 5 annos póde produzir 150 kilogrammas de café; o cacau plantado a uma distancia igual á do café póde no fim de 5 annos produzir 500 kilogrammas por hectare.

O coqueiro plantado de oito em oito metros produzirá por hectare no fim de dez annos uns 5:100 kilogrammas de coprah.

Natureza dos trabalhos para cada genero de producção

Café. — Escolha do terreno, plantação, distribuição da sombra, limpeza, colheita, despolpação e lavagem, seccagem, pilagem, limpeza e ensaccamento. Taes são as operações e a ordem por que se effectuam os trabalhos n'uma plantação desde o seu inicio. O terreno deve ser humoso, coberto de arvorêdo, que tenha abundancia de chuvas e nevoeiros com claros de brilhante sol. Se o terreno não tem arvores é preciso planta las para abrigo das plantações e é preciso fazer selecção d'ellas, porque ao mesmo tempo que abriguem do sol devem ser resistentes ás ventanias e a folhagem ser facilmente atravessada pela chuva; as *Erythrinas* realisam o desideratum. Abrem-se distanciadas de 4 metros as covas um mez ou dois antes de começarem as chuvas, dando lhes uns 0^m,80 de profundidade por 0^m,60 de diametro e deixa-se meteorisar o terreno, esperam-se as chuvas e declaradas estas e bem ensopadas as terras tiram-se dos viveiros as plantas, corta-se-lhes a extremidade da raiz central e deita-se até meio da cova terra vegetal e fina sobre a qual se depõe a jovem planta, acaba-se de encher a cova com boa terra bem adubada até uma mão travessa da superficie. Acabadas as chuvas ou pouco antes limpa se a plantação das hervas que se dispõem em feixes em linha entre as fileiras de cafezeiros. Estas limpezas são imprescindiveis annualmente nas plantações, principalmente nas novas; no fim de tres ou quatro annos começa a floração e o fructo a apparecer que á medida que amadurece vae tomando o aspecto d'uma cereja e quando maduro colhe-se. Colhido passa por engenhos que o despolpam e separam a polpa do fructo ou se escolhe á mão, dá-se-lhe um pouco de fermentação para mais facilmente se tirar a gomma e assucar e lava-se. Depois de lavado estende-se o fructo que fica envolto ainda pela camisa, ao sol, secca-se natural ou artificialmente e depois de bem secco mette-se ao pilão, passa-se pela ventoinha para o limpar e ensacca-se. Havendo machinas proprias podia-se seccar o café na polpa e depois de secco passal-o á machina que descasca e separa o fructo da casca, mas em Timor não haapparelhos d'esses e bom era que se montassem umas estações por conta do governo da colonia. A colheita do café começa em Maio, prolonga-se até Julho e ás vezes em Setembro e Outubro ha segunda colheita chamada do *café lorun*; café do sol.

Cacau. — Escolha do terreno, plantação, limpezas, abrigos, colheita, despolpação, fermentação, seccagem, terragem e ensaccamento. O terreno para o cacau deve ser humoso, humido e quente, o seu habitat não vae além de 400 metros de altitude, deve estar livre dos ventos do mar, planta-se como o café em covas, mas na plantação deve haver o maior cuidado em não tocar nas raizes das jovens plantas, os viveiros fazem-se, pondo em bambús, de forma cylindrica, abertos no sentido das geratrizes a formar duas telhas, uma semente em cada bambú e alli germina e cresce; na occasião propria para ser plantada transporta-se com o vaso de bambú e mette-se tudo na cova de antemão preparada com

os mesmos cuidados que para o café e mais os que a planta requer, não se devendo de fôrma alguma tocar-lhe na raiz. Plantam-se arvores de sombra que se façam depressa, as quaes são muito convenientes enquanto a plantação é nova, porque em estando feita é muito vivaz e não necessita sombras. Havendo bastante humidade e em boa terra no fim de tres a quatro annos começa a arvore a dar flôr e fructo que é conveniente não deixar vingar antes dos quatro annos. Colhido o fructo e aberta a polpa tiram-se as sementes que se deitam em caixas a fermentar e se vão mechendo para que a fermentação se faça por igual; finda a fermentação, que leva quatro a seis dias, tira-se para os seccadores e depois de bem secco prepara-se para ensaccar dando-se-lhe previamente, se se deseja uma apresentação melhor, uma peneiradela com barro encarnado. O cacau colhe-se durante todo o anno, mas na epoca das chuvas a colheita é maior.

Outras culturas. — As culturas do arroz e do milho fazem-se por processos muito rudimentares: para o arroz preparam-se os combros e canaes de irrigação, e disposto o terreno em planos, mette-se-lhe a agua; quando os terrenos estão bem encharcados, como os timores não usam o arado mettem-lhe os bufalos que obrigam a correrias, pisando e remechendo com as patas o terreno, no qual, depois de bem desfeito, se lança a semente, introduz-se-lhe a agua de fôrma a cobrir o terreno e como este está em planos diversos, a agua passa por uns desaguedouros de uns para os outros. Logo que a espiga está formada tira-se a agua e deixa-se seccar a planta e enrijar a semente, e logo que está secca, corta-se, estende-se em terrenos endurecidos e pisa-se para tirar da palha a semente. A pisa do nelly, arroz com casca, fazem-a os homens e as mulheres durante as noites que passam em alegres folgares muito apreciados pelos timores que ao acto dedicam canto especial a que chamam *Sama-are*, cujos compassos se acceleram ou retardam dando ao canto ora uma viveza, uma alegria communicativa, ora uma dolencia embaladora. Durante os descansos, come-se da nova colheita, matam-se carneiros e bebe-se na mais ruidosa e franca camaradagem, e com os primeiros raios do sol fazem-se grupos dentro das barracas ou cobertos, e rendidos de cansaço, na maior promiscuidade preparam-se os desenvoltos e irrequietos convivas da noite para a somnêca reparadora, refazendo forças para recommençar na próxima noite. Esta festa ou estylo é precisa para sem perigo se poder utilizar a colheita do novo anno. A cultura do milho não demanda tambem grandes trabalhos; todo o terreno lhes serve, comtanto que tenha mattos para queimar; pelos mezes de Agosto e Setembro preparam-se as hortas (*batar tós*); assim lhes chamam, derrubando arvores e mattos que deixam, cobrindo o terreno a seccar; em meados de Outubro e Novembro, conforme as regiões, lançam fogo ao matto secco, ficando assim o terreno queimado livre de insectos variadissimos e coberto de cinzas; começadas as chuvas e amollentadas as terras, vão as mulheres fazer a sementeira, pois só semeado por ellas a colheita produzirá. Assente a faina da sementeira (*cuda batar*) as mulheres tiram a semente n'um bernal tecido de palha (*cohé*) e um pau aguçado (*ai suac*) e chegados a uma extrema do terreno, começam a dar passos curtos, espetam o *ai suac* e na cova lançam tres grãos de milho e com os dedos dos pés cobrem as sementes. Durante as chuvas fazem-se as mondagens das hervas e em Fevereiro ou Março faz-se a colheita. As sementeiras nos terrenos frescos nas montanhas e na costa sul podem fazer-se duas vezes por anno; a segunda faz-se em Maio e colhe-se em Agosto durante a secca, a estação do sol; e, por isso os timores lhe chamam (*batar lorun*) milho do sol. O milho é colhido e as espigas amarradas pelo folêlho em cordas e collocado nas barracas ou em arvores é fumado para o preservar do gorgulho e é descarolado á medida que o

necessitam para venda, ou vendido mesmo em cordas, pois os timores comem também o milho assado em espiga. Das outras culturas, feijões, batatas, etc., não vale a pena fallar, são culturas europeas feitas, é claro, por processos rudimentares.

Algodão.—O algodoeiro indigena, *gossypium l.*, dá-se em terrenos pobres, é uma planta vivaz, durando sete annos, o terreno é preparado como para o milho e muitas vezes semeado até com este; a capsula é pequena mas o algodão é muito branco e muito resistente. Depois de colhido e separado das sementes, para o que os indigenas empregam uma calandra de madeira engenhosa porque os cylindros terminam por helices de passos invertidos que obrigam os cylindros a girar em sentido contrario e atravez dos quaes passa o algodão que assim se separa da semente. O algodão é depois fiado, tinto e tecido pelas mulheres que fabricam os pannos de homens (*taes mane*) e os *sarongs* de mulher muito bem tecidos e desenhados.

Coqueiro.—Planta-se em covas de 0m,60 X 0m,60 affastadas de oito em oito metros no começo da estação das chuvas, leva oito a dez annos a dar fructo e o seu *habitat* são as planicies salgadas ou proximas do mar. Colhe-se por todo o anno e do fructo, que os indigenas não comem, preparam o oleo ou abrem o côco e seccam-no ao sol para separar a polpa da casca e depois a polpa secca (*coprah*) exporta-se. Na fabricação do oleo o indigena não usa prensas, rala o côco, deita a massa em agua e faz ferver tudo n'um tacho, o oleo menos denso, vem á superficie e é tirado ás colheradas; como se vê, perde-se assim uma percentagem de oleo grande.

Sandalo.—Pertence á especie timorense ao genero "*sandalum album*," e foi o seu valor conhecido e apreciado desde os tempos mais remotos como producto commercial, havendo concorrido efficazmente para chamar a *Timor* a navegação e o commercio explorado por chinas que mantem relações com o mercado do *Oriente* em geral e em especial com os da *China* que são os principaes açambarcadores do artigo. O commercio do sandalo constitue um dos ramos mais importantes de actividade mercantil em *Timor*. O sandalo propaga-se pela raiz e regulamentos especiaes regulam o seu corte afim de evitar o esgotamento perante uma desordenada e gananciosa exploração.

Quantidades exportadas dos principaes productos produzidos
na colonia. Exportação media relativa a um triennio e seu rendimento alfandegario

Artigos	Unidade	Total export. — Réis	Taxa	Rendimento — Réis
Café.....	Kilogr.	832\$302	43,5	35.831\$765
Cêra.....	"	35\$668	27,22	975\$569
Coprah.....	"	81\$709	3,28	279\$394
Sandalo-pau.....	"	315\$863	10,58	3.456\$166
" -raiz.....	"	206\$771	5,29	1.131\$239
Mercadorias sem especificação.....	<i>Ad valorem</i>	10.011\$945	5 %	530\$633
				42.204\$766

19

Não se exporta algodão; todo o que a colônia produz se consome na indústria local.

Natureza e preço das subsistencias

Como dissemos, as bases da alimentação dos indigenas são o arroz e o milho, o que não quer dizer que façam consumo d'estes generos durante todo o anno; comem tambem batatas, feijão, aboboras, côcos, carne, etc., A sua imprevidencia faz-lhes sentir muitas faltas e passar muita necessidade e como a fome é negra, de tudo lançam mão, rizomas, tuberculos, rebentos e folhas de arvores supprem a falta de generos mais substanciaes. O timor preocupa-se pouco com alimentação; a natureza prodiga lá está para lhe valer e o tirar de apuros e o bambual fornece-lhe panella prompta para cosinhar; fogo obtem-o pela fricção de dois bambús seccos e agua melhor ou peor encontra-a depressa. O timor é muito sobrio mas uma alimentação cuidada fica-lhe economica, regulando por mez dois mil réis ainda que coma carne duas vezes na semana.

Em 13 de Setembro de 1906 foi, por proposta do governador Conselheiro Celestino da Silva, creado o imposto de capitação, no qual se permite o pagamento em generos e pela tabella official reguladora de preços os generos de primeira necessidade teem a cotação seguinte :

Nelly (arroz indígena) de 1. ^a qualidade cada 62 kilogrammas.....	1:350 réis
" " " " " de 2. ^a " " " "	1:080 "
Feijão cada 62 kilogrammas.....	810 "
Milho " " "	810 "

D'aqui se vê que o preço das substancias não é caro, e que o indigena não necessita cançar-se para ganhar com que viver sem cuidados.

A quantidade das subsistencias consumidas por cada trabalhador por dia foi fixada pelo governo depois de varios ensaios e experiencias, e cada trabalhador tem direito a receber por dia dois cates ou 1kg,240 de milho e um cate e meio, ou 0kg,930 de arroz, mas uma tal ração é demasiado abundante para o timor, o qual substitue uma parte por vegetaes que muito aprecia, taes como, rebentos de fêto (*cabura*), rebentos de batata doce (*Timor feuc*), etc, condimentado tudo com pimentinhas (*ai manas*), e sal (*más*) de que são grandes apreciadores.

Salarios e sistemas de remuneração

Os salarios dos indigenas acham-se determinados pelo governo da colonia e qualquer particular pôde obter directamente trabalhadores, fazendo-os registar nas administrações de concelho ou commandos militares, ou requisitá-los á auctoridade quando os não queira, ou não possa obter d'outra fórma.

Os trabalhadores contractam-se a jornal ou ao mez, podendo tambem fazer-se contractos ao anno, mas nunca por prazo superior a cinco. O salario depende do local onde

o trabalho ha de ser realizado, e acha-se o trabalho regulado da seguinte fórma. Dentro da area da cidade de Delly, onde a vida é mais cara, cada trabalhador ganha 180 réis por dia. Nos suburbios e area do commando de Motael ganham 135 réis por dia, ou se os operarios o preferirem, uma ração de 0^k,930 de arroz, ou 1^{kg},240 de milho e mais 480 réis por cada seis dias de trabalho. Na area de todos os outros commandos militares 540 réis por cada seis dias de trabalho, ou se os trabalhadores o preferirem, a ração de arroz ou milho, e 270 réis cada seis dias de trabalho. Podem as duas partes contractantes fazer contractos por um anno até cinco o maximo, não podendo nunca o salario ser inferior a dois terços dos salarios, antes indicados segundo as areas. Os contractos são individuaes e devidamente sellados e as despezas dos contractos pagas pelos proprietarios. O serviçal não póde ausentar-se sem justa causa, e baseando-a, tem direito a ser pago de todas as soldadas vencidas, e, se o proprietario o despedir sem justa causa, tem de pagar-lhe tambem a soldada por inteiro. Os trabalhadores que abandonarem o trabalho sem motivo justo, perdem o direito á soldada vencida e não paga, e serão punidos pela auctoridade administrativa pela primeira vez, com dez dias de prisão com trabalhos nas obras do governo, da segunda vez, com 16 dias de prisão, e á terceira, são entregues ao poder judicial como vadios. São impostas multas aos proprietarios e feitores que não cumprirem as clausulas dos contractos, pela primeira vez 5\$000 réis de multa, pela segunda 10\$000 réis, e á terceira são entregues ao poder judicial e julgados como desobedientes aos mandatos da auctoridade. Todas as penas a applicar precisam da sancção do governador, e quando participadas as faltas para juizo serão mencionados os castigos anteriores. Quando os proprietarios ou feitores se recusarem a pagar as multas, serão executados judicialmente. Os proprietarios só podem applicar como castigo os descontos nos salarios pelo tempo que os serviçaes faltarem ao serviço, e a despedida do serviço se propositadamente não cumprirem com as suas obrigações, e serão entregues á auctoridade. O trabalho começa das 6 ás 11 horas, (a. m.) e das 2 ás 6 horas (p. m.) e aos domingos, só se póde exigir trabalho das 6 ás 10 horas (a. m.)

Os salarios devem ser pagos aos sabbados, excepto aos contractados, que receberão segundo os contractos. Quando o proprietario não tem trabalhadores, requisita-os ás auctoridades. Fóra de Delly, os pagamentos podem ser feitos em dinheiro ou em tecidos, por preço nunca superior ao mercado de Delly. Os proprietarios teem obrigação de fazer transportar para o hospital os doentes, e de pagar os medicamentos. As relações de proprietarios e operarios são reguladas pela portaria n.º 108 de 9 de Dezembro de 1899; para a prestação de serviços de transportes e carregadores, acham-se fixados preços B O n.º 8 de 1908 e decreto de 28 de Dezembro de 1907, em que cada carregador tem direito ao vencimento de 108 réis, não sendo obrigado a serviço senão dentro do reino, e cada solipede se aluga por 270 réis.

Habitações e vida de familia dos trabalhadores indigenas nos centros de producção

Nas plantações particulares ha duas especies de pessoal, o permanente ou contractado a prazos e os jornaleiros. Os contractados a prazos de um a cinco annos podendo renovar os contractos dentro de iguaes limites, vivem geralmente separados por familias cada uma em sua barraca e estas estão dispostas em arruamentos e em grupos formando po-

voações ou vivem em barracas disseminadas pela plantação. O contractado e a mulher, bem como os filhos, têm direito a ração, durante o tempo da gravidez não trabalham, nem cuidam senão das suas casas e famílias e são as mulheres casadas sendo christãs ou barlaqueadas (*barlaque* chama-se ao casamento gentilico) sendo gentios e os filhos quem preparam os alimentos para a familia.

Vamos descrever a vida n'uma das plantações particulares pertencente á *Sociedade Agricola Patria e Trabalho* e que mais gente emprega. Pelas 6 horas toca o sino chamando o pessoal que se reúne n'um terreiro, toma-se nota dos presentes e inquire-se dos que faltam. As mulheres vão aos armazens receber as rações para a familia e para uma semana. Supponhamos que começamos as nossas notas a um sabbado; os homens e rapazes que começam a prestar serviço (10 annos) são distribuidos segundo as suas aptidões e encargos pelos trabalhos em andamento, as creanças dos quatro aos dez annos são levadas pelas mães ás escolas do sexo masculino ou do sexo feminino e ás sete tudo está no trabalho que é dirigido por capatazes indigenas que se teem distinguido pelo seu comportamento e conhecimentos, e em todas as dependencias da feitoria se sente movimento e vida. A's 11 horas (a. m.) toca o sino para o descanso e refeição da manhã; para as raparigas e rapazes solteiros que não teem familia ha pessoal nomeado para lhes cosinhar e distribuir a comida. Dos que faltaram á chamada da manhã é feita uma relação que se envia a um enfermeiro contractado de longa pratica hospitalar que tem por obrigação percorrer as casas dos ausentes ao ponto, visita-los, fazer-lhes os curativos se estão doentes ou manda-los recolher á enfermaria se demandam maiores cuidados, promovendo a sua sahida para o hospital quando o seu estado o requer. A's 2 horas (p. m.) torna a tocar o sino para recommear o serviço e ás 6 horas (p. m.) toca para acabar a faina do dia. Empregados europeus dirigem e fiscalisam os serviços, notando e corrigindo faltas, sem competencia para as punir, as quaes são communicadas ao feitor que os castiga com perdas de vencimento quando as faltas se tornam importantes ou repetidas, sendo-lhe prohibida applicação de castigos corporaes que aliás o espirito independente do timor e a liberdade em que vive lhe não permitem receber. O pessoal contractado conserva-se nas feitorias porque alli vive fóra do jugo feroz dos seus chefes naturaes, em maior segurança de pessoas e bens e assim ha na feitoria pessoal da primitiva. Nas feitorias ensina-se o officio de pedreiro, carpinteiro, serrador e ferreiro e algumas das construcções das feitorias são já feitas por operarios alli educados. Uma missão religiosa acha-se installada ministrando os soccorros da religião aos fieis e todos os domingos dias de descanso teem os christãos missa e os que ainda não estão convertidos reúnem-se nos terreiros apoz a missa, tocam os seus batuques, dançam e jogam o gallo, de cujo divertimento são muito apaixonados. Na segunda feira e mais dias da semana o serviço decorre pela fórmula que já indicámos. As queixas e as reclamações são feitas aos feitores ou aos commandantes militares que as resolvem dentro dos regulamentos segundo o seu criterio e espirito de justiça e d'estas resoluções ha sempre appello para o governador. O pessoal jornalheiro é requisitado aos commandantes militares e apresentado pelos regulos ou chefes indigenas e trocado depois de pago segundo os salarios estabelecidos pelo governo em geral no fim de cada mez. O pessoal jornalheiro fica reunido n'um barracão chamado a casa dos auxiliares e dois d'elles são os encarregados de receber as rações e de as cosinhar.

O pessoal contractado na sua grande maioria pertence a reinos differentes d'aquelle onde estão situadas as plantações e os contractos escriptos e feitos na presença da aucto-

ridade militar e administrativa devem por esta ser lidos e explicados. O pessoal jornalheiro da zona administrativa a que pertence e nas plantações dentro d'ella situadas e portanto perto das povoações onde tem familia, só para algum transporte se affasta um ou dois dias dos seus commandos.

Em *Timor* e constituindo isso um habito, só tres reinos *Suai*, *Viqueque* e *Vemasse*, mandam os seus habitantes procurar trabalho a reinos diversos, demorando-se longe dos seus lares. A gente de *Suai* é muito trabalhadora e nas suas mãos acham-se por assim dizer monopolizados os transportes do café e sandalo pela via terrestre e os que exploram este ramo acabada a estação do café, Maio a Outubro e da exportação do sandalo, Julho a Dezembro, recolhem com as suas alimarias aos povoados a que pertencem; outros são negociantes ambulantes, poucos porém, porque a permissão concedida aos chins de negociarem livremente pelas montanhas collocou-os em manifesta inferioridade e ainda outros entram como trabalhadores nas plantações ou creados *matrozes* de negociantes e são obrigados á matricula. O povo *timor* acha-se dividido em reinos, estes em succos e estes são formados por grupos de povoações que se acham espalhadas pelo paiz e só junto ás costas se encontram povoações mais reunidas, de população mais densa. Genericamente uma povoação de vinte fogos é já uma *cnuac bóote*, povoação grande.

Condições phisicas do paiz

Algumas temos apresentado já e dissemos que *Timor* era de origem vulcanica e muito accidentada especialmente a sua parte Norte e que a meio correndo no sentido da ilha de Sudoeste a Nordeste se achava n'uma cordilheira central cujo pico principal era o *Ramelau*, de 2950 metros de altitude; outros montes existem com ramificações caprichosas orientadas em todas as direcções, formando vales e ravinas profundas por onde se escoam as aguas em leitos apertadissimos e pedregosos de grande pendente, gargantas estreitissimas que comprimem os caudaes dando-lhes impetos de phenomenall violencia. Os mais importantes cabeços d'essas elevadas montanhas, braços d'esse grande tronco central, são o *Katrai* (2100 metros) para o norte, o *Ablai* (2350 metros) para o sul, o *Monte Dia* (2300 metros) para leste, seguindo a ligar com a grande montanha de *Mata Bian*, cujo piso mais alto *Cai Soro Lali* tem (1800 metros). Para oeste estendem-se os montes de *Durolau* (2322 metros), *Cailaco* (1415 metros), até ligarem com *Fialaran* já em territorio hollandez. Algumas d'estas montanhas veem morrer no mar formando elevados promontorios e pontos erectos a pique, taes como *Fato Boro* (1455 metros), *Subang*, extremo da montanha de *Ilieu* (900 metros) e *Bondura* (500 metros). Uma tão revolta e caprichosa orographia não permite a existencia de grandes arterias fluviaes e nenhuma d'ellas é navegavel; as mais importantes na costa norte são a *Ribeira de Lois*, formada pela junção das ribeiras de *Bébau*, *Marobo*, *Batuto* e *Lau-Ile*, seguindo para leste as ribeiras de *Comóro*, *Laclo*, *Laleia*, *Lameh* e *Seisal*. Na costa sul ha grandes planicies, as costas vão gradualmente baixando a partir da cordilheira central e a não ser para leste de *Illomar* só as serranias de *Manumera* (2000 metros) e seu prolongamento de *Fatu Cuac* (600 metros) se estendem ao mar, indo morrer a oeste de *Vétano*. As ribeiras da costa sul são, como já dissemos, de maior caudal, sem comtudo serem navegaveis; as mais importantes são de oeste para leste, *Ué-Lulic*, *Laclo Mota Sahe* e *Ué-Bui*. Existem algumas lagoas, sendo a mais importante pela

extensão e valor do pescado a de *Bé Malai* perto de *Batugadé* na costa Norte. Em toda a costa de *Timor* ha apenas um porto abrigado e de bom surgidouro, que é *Dilly*, onde se acha a capital que é protegida do lado do mar por bancos de coral que quebram as vagas do mar; o porto tem duas entradas apertadas entre baixos que tendem a tapa-las, pois a faina madreporica é incessante. O aspecto da cidade de *Dilly* é alegre e artistico, causando magnifica impressão vista do mar; assenta n'uma extensa planicie, tem boas ruas cheias da sombra dos *Ficus gigantes* e tem regulares edificios; acha-se provida de boa e abundante agua potavel conduzida das montanhas em tubagem de ferro a expensas da junta municipal; a vida porém é monotona, o commercio restricto e o clima depauperante pelo calor constante. Não existem vulcões em *Timor* mas ha gazes em combustão nas regiões petrolíferas da costa sul que parece terem originado a affirmativa da sua existencia. Nas regiões mais elevadas ha rochas eruptivas e metamorphicas e as planicies são alluviaes (argilosas, silico argilosas e calcareo argilosas). Do reino mineral sabe-se da existencia de oiro em todas as ribeiras da costa sul originarias das montanhas de *Bibicussu*, o cobre, o antimonio, o ferro e o petroleo abundam e ha grandes nascentes de aguas quentes sulfuradas. A fauna é pobre; os mamiferos mais corpulentos que alli existem são o bufalo o cavallo, o *cervus moluccensis*, o *suis timorensis*, a cabra e o carneiro; o boi foi importado, dizem, pelo benemerito bispo D. Antonio de Medeiros, de *Larantuka*, os chiropteros abundam e alguns medem um metro de extremo a extremo de azas. Dos marsupiaes da Oceania o unico representante que vemos é a meda (*Phalangista cavifrons*) e Affonso de Castro diz encontrar-se tambem o *Cercopithecus cynomolugus*. Dos felinos o exemplar mais notavel e raro é o *Felix nuyalatis* (bussa fuic) dos timores e não ha animaes ferozes. As aves não se notabilisam nem pelo canto nem pela plumagem, *Scytrops Nova Hollandiae*, *Ziggodactilis*, *Amsydactilis*, *Alcyons Chelidrons* e gallinaceos existem. Dos reptis o mais venenoso mas não mortal é a cobra verde ou vibora dos cannaviaes e os mais volumosos são a cobra madeira, uma *Pithon* e o crocodillo da especie *Biporcatus* que vive tambem na agua salgada entre o mangal em bahias tranquillias como *Tibar* e *Camaleana* e nos varios coilões da costa Norte e Sul. O mar na costa Norte apresenta grandes fundos e ha grandes correntes proximo da costa de fórma que o mar da costa Norte é pouco piscoso, abundando mais para leste e na costa sul; na costa Norte em frente a *Dilly* ha um baixo chamado Brilhante onde o peixe afflue e é este de finissimo paladar e de côres muito variadas, differindo muito das nossas especies. A flôra de *Timor* é variada e abundam as plantas venenosas e as plantas textis, ha especies proprias da ilha, dizendo Decaisse haver encontrado mais de seiscentos exemplares. A flôra de *Timor*, como dissemos, participa da *Molucqueiana* e da *Australiana*, de preferencia junto ás costas encontram-se na ilha largamente representadas as especies seguintes: *Capparis Mariana*, *Carypha Gibbanga* *Casuarinas*, *Musa textiles*, *Tali*, *Albizia littoralis*, *Cassia Florida*, *Tamarindus Indica*, *Ficus Indica*, *Ficus altissima*, *Ficus pruniformis*, *Cassia Florida*, *Tornefortia argentina*, *Tribulus Moluccanus*, *Josephina Imperatrices*, *Eucaliptus alba*, *Eucaliptus Nigra*, *Cassia fistula*, *Artocarpus Incisa*, *Santalum Album*, *Erythrinis*, *Pitecolobium*, *Lobatum*, *Alstonia Scholaris*, *Rhisophoris*, *Brugieras*, *Someratias*, *Aegaceras*, *Acanthus*, *Pangania glabra*, *Café Arabica*, *Ebenaceas* e innumeras palmeiras e arvores, magnificos materiaes de construcção como o pau rosa, pau ferro, nitãs, etc. Ha grande variedade de fructas, laranjas, tangerinas, papaya, jambos, turanjas, mangas, jacas, nôna, ananaz, nesperas, melancias, uvas, etc. Encontram-se variedades de inhames, magnifico feijão, boa batata e poderia *Timor* ter muita mais se tivesse havido outro cuidado.

Sob o ponto de vista da colonisação offerece condições especiaes de acclimação ás raças europeas nas suas ferteis e saudaveis montanhas. Se para alli se estabelecesse a corrente emigratoria e se obtivessem capitaes em condições de juro razoavel tornar se-hia a ilha um manancial de riqueza, um centro productor notavel com magnificos mercados proximos capazes de consumirem e absorverem todos os productos creados na colonia e a industria pecuaria acharia alli uma situação privilegiada de seguros proveitos.

Caracteres das raças e sua capacidade para o trabalho

Já dissemos o bastante para se avaliar das characteristics ethnicas do povo timor chegado já a um estado sedentario sem contudo haver adquirido uma forma de equilibrio social estavel; frequentes alterações, retrocessos bruscos os atiram para a vida nomada quando nas suas liberdades se julguem ameaçados ou se ponham em contacto com tribus mais selvagens, o que me leva a suppôr que o timor não tem qualidades proprias para progredir, é uma raça caduca sujeita a oscillações continuas. Só uma persistencia tenaz, um prestigio e uma confiança assegurada poderá crear lhes habitos de socêgo, necessidade de permanencia. O timor fazendo parte das populações polynesias, apresenta como todas ellas phenomenos de degenerescencia mais ou menos pronunciados. Dotados d'um grande espirito d'intriga e desconfiados com estranhos, são d'uma credulidade infantil com os seus chefes que os exploram. D'uma insensibilidade extrema perante a dôr ou alegria, são d'um nervosismo, d'uma actividade frenetica na explosão do seu odio, d'uma preguiça assombrosa na pratica dos actos mais simples da vida, desperdiçando tempo e força em prolongadas festas, agitando-se em macabras contorsões durante noites e dias, repugna-lhes o menor desperdicio de forças em trabalhos manuaes, mesmo nos de reconhecida necessidade. Moralmente são o conjuncto mais heterogeneo de bons sentimentos e paixões derrancadas que conhecemos, ora hospitaleiros e generosos até ao sacrificio, ora ingratos e vingativos, d'uma crueldade revoltante. Affrontam as maiores misérias para se eximirem ao trabalho e até a propria morte encaram com piazidez, mas o sangue frio que apparentam não é mais que ausencia de vigor moral. De character serio e meditado tratando de futilidades, apparentam uma indifferença estranha perante assumptos da maior gravidade. Irrequietos, questionadores, promptos a pegar em armas para derimirem qualquer pleito, dominam-se com relativa facilidade usando de energia mas sem exaggeros, procedendo sensata e ponderadamente sem offender os estylos por que se regulam. Apesar do espirito militar dos indigenas mais vale alli um bom politico que um bom general. Um povo com caracteres tão contradictorios não tem faculdades nem capacidade grande para o trabalho; a sua indolencia torna cara a mão d'obra e os que na colonia pretendam interessar capitaes necessitam baratear serviços e substituir a actividade mechanica ao lento e desinteressado labor humano. Não se pôde contar nunca com um timor em trabalhos de maior violencia, porque o mais ligeiro cansaço os faz desanimar nos serviços que demandem maior despendio de força; é preciso regular-lhe o trabalho de forma a evitar-lhe a fadiga ou dar-lhe substitutos quando o serviço não admita interrupção, e emfim, todo aquelle que tenha de dirigir serviços ou os reclame de timores precisa de contar sempre com o seu nimio interesse e falta de incentivo e conseguir que o tedio, o desfallecimento d'elles se não aposse.

Meios de comunicação com os outros paizes

Duas companhias de navegação servem *Timor* e a ligam com os mercados mundiaes. A companhia ingleza *Eastern & Australian Steam Ship Company* possui tres vapores de tonnellagens superiores a quatro mil toneladas brutas, magnificamente construidos, bem providos e equipados, luxuosamente guarnecidos e possuindo todos os confortos e commodidades. Os terminus das carreiras d'estes vapores são *Sydney (Australia)* e *Yokoama (Japão)*, os quaes, além de ligarem a colonia com estes vastos centros de producção e consumo, a ligam tambem com as *Philippinas*, *Hong Kong* e *Macau* e portos da *China*.

Estas carreiras são subsidiadas ou melhor teem do governo de *Timor* e *Macau* uma garantia de 1:500 patacas, ou oitocentos e dez mil réis por vapor, sendo abatidos d'esta verba os preços das passagens e cargas do Estado ou de particulares, o que reduz o subsidio a uma verba insignificante ou a nada. Estas carreiras teem apenas o defeito de terem uma tarifa de fretes muito elevada. Em oito dias faz-se a viagem de *Timor* para *Hong Kong* e em quatro dias de *Timor* para *Manila*, em trinta e seis horas de *Timor* a *Port-Darwin* em quatorze dias de *Timor* a *Sydney*. A companhia hollandeza *Koninklyke Paketevaart Maatschappij* liga a colonia com o vasto imperio das Indias hollandezas e portos dos estreitos, *India* e da *Europa*, com trasbordo em *Batavia* para os magnificos e confortaveis paquetes da *Rotterdam Loyd*, e *Nederland Loyd*, sendo para lamentar que estas ultimas não tomem senão passageiros e se não alliviem dos impostos de entrada em *Lisboa* pela acceitação de fretes e cargas directas para a metropole, o que traria a vantagem de facilitar as relações commerciaes. A companhia *Koninklyke Paketevaart Maatschappij* tem carreiras quinzenaes entre *Soerabaya (Java)* e *Timor* com escala por *Makassar (Celebes)* e n'este porto tem ligação com os paquetes da *Java China Japan Line* que seguem para os portos da *China*, *Hong Kong* e *Japão*. Os vapores da *Rotterdam Loyd* recebem em *Lisboa* cargas e passageiros directamente para *Timor*, os vapores da *Nederland Loyd* só recebem passageiros; quer uns quer outros trasbordam em *Batavia (Java)* a carga e passageiros para os vapores da *Koninklyke Paketevaart Maatschappij*. De *Timor* para a metropole é que surgem as difficuldades, porque as companhias citadas que fazem escala por *Lisboa* e recebem passageiros e bagagens não recebem cargas, já porque de *Java* e *Sumatra* trazem os navios carregações completas para a *Hollanda*, já para se livrarem do pagamento de taxas alfandegarias proveniente do trafego, porque não podem contar com carregamentos regulares. Presentemente as cargas vindas de *Timor* pelos vapores hollandezes que alli tocam são trasbordadas em *Batavia* para vapores allemães que levam as mercadorias para *Hamburgo* e alli soffrem novo trasbordo para *Lisboa* e, como facilmente se comprehende, isto dá logar a demoras, despezas e empates de capital que afugentam os exportadores de manter relações com a metropole, e comtudo facil será, como indicamos, estreital as, com um ligeiro sacrificio.

Condições politicas

Não ha soberanias nacionaes independentes; todos os reinos e chefes que os representam estão avassallados e sob alçada do governo portuguez. Todos os reinos teem os seus chefes naturaes eleitos pelos grandes como representantes da vontade do povo mas

esta eleição precisa da confirmação do governador. Toda a colonia portugueza se acha effectivamente occupada e postos militares e auctoridades administrativas e judiciaes estão espalhados pelas varias zonas administrativas ou commandos militares. Não ha protectorados, ha só reinos vassallos d'um suzerano que é Portugal.

Em tempos idos e muito anteriormente á entrada dos padres dominicanos vindos da missão de *Solór*, diz-se que esteve *Timor* dividido em duas grandes circumscripções ou estados conhecidos por provincia dos *Bellos* e provincia do *Sorvião*, governando a primeira o imperador *Senobay* e a segunda o imperador de *Béhale*. Não nos repugna acceitar a existencia de taes estados que revelam uma fórma politica bastante adiantada, porque, como dissémos, as populações polynesias adquiriram um grão de civilisação grande, e a migração d'estes povos para Oeste começou no primeiro e segundo seculo da nossa era, segundo Fornander. Mas circumstancias varias fizeram parar o progresso d'estes povos e natural é que com o retrocesso e anarchia se desse o esphacellamento, e os grandes vassallos dos citados imperadores sacudissem o jugo e se fossem declarando independentes, formando reinos, e assim viessem vindo até ás primeiras abordagens dos nossos pioneiros n'aquellas paragens. A verdade é que ainda hoje o regulo de *Béhale* se diz senhor de todas as terras até *Dilly* e *Béhale*, fica na costa Sul e em terreno sob o dominio hollandez, mas muitas casas reinantes nos nossos territorios se dizem, com este aparentados. Os limites dos reinos ainda hoje se não acham bem definidos e dão logar a interminaveis questões. Antigamente, estes limites, alargavam ou encurtavam conforme a vontade dos que preponderavam, hoje, todos os reinos estão avassallados e pacificados, mas questões surgem com frequencia, e a que mal põem termo as commissões nomeadas pelo governo da colonia, porque não querendo nenhum dos litigantes ceder, e tendo de se procurar limites naturaes para bem os definir, apezar das compensações e justiça com que se beneficiam e se procede sempre, se ficam a julgar prejudicados, e muito embora publicadas sejam as actas dos limites dos reinos, os chefes julgam-se auctorisados a submeter a questão a novas decisões sempre que mudem ou saiam as auctoridades que no assumpto hajam interferido, não se devendo de fórma alguma attendel os, para que o prestigio da auctoridade e respeito pela decisão governativa seja mantido em toda a sua plenitude.

Systemas de governo. Poder dos reis e dos chefes

O povo timor, apezar dos temporaes que o lançam na vida errante, não é já um povo selvagem, mas ainda continua n'um estado primitivo. Quando frei *Antonio Taveiro* e os seus continuadores aportaram a *Timor* já acharam os naturaes agrupados em povoações, estas reunindo-se formaram succos e a reunião d'estes, constituindo reinos e 71 é o numero dos que presentemente existem. As povoações teem o seu chefe (*Ulo-quiec*), os succos tambem (*dató*, *ulo bóote*) e os reinos o seu (*Leo rai*) o maior, o regulo, o seu representante. A soberania indigena é hereditaria, mas os regulos precisam, para gosarem das prerogativas, isenções e auctoridade do cargo de fazer ouvir a voz dos seus povos, por intermedio dos chefes e de obterem do governo a sua confirmação e por vezes o governo intervem para pôr o seu veto ou dar a indicação do chefe a eleger. Os povos regulam-se pelos *estyllos* e estes são para o timor o que o *adat* é para o malayo. O poder dos chefes indigenas é despotico e absoluto nas povoações que habitam, ou que os reconhecem como chefes. Para o exercicio da soberania hereditaria, não havendo opposição do governo, prefere o

ramo masculino e não o havendo passa ao feminino, mas á (*Leo rai feto*) rainha nomeia-se-lhe um regente também eleito pelos chefes e acceite pelo governo. O governador tem poder para suspender ou destituir os regulos, mas os *estyllos* não permitem eleger novo regulo, e então nomeiam um parlamento formado por varios chefes que governam em *commum*.

Por vezes junto dos regulos ha um chefe chamado parlamento, cuja missão é fazer chegar junto do regulo a vontade do povo e perante aquelle defender os interesses d'este; esta representação do povo é mais vulgar entre os povos timores chamados *firacos*.

Os regulos e os chefes dentro dos seus dominios teem o direito de (*Rai-Nai*), senhores de tudo e de tudo se podem apossar e servir. Administram justiça segundo os *estyllos*, mas nunca ouvem nem vêem sem os litigantes lhes limparem primeiro os ouvidos e a vista com a importancia conveniente á sua alta hierarchia; muitas vezes porém ainda se conservam surdos e cegos e a questão é levada ao conhecimento do commandante militar que, devendo respeitar o direito consuetudinario, por vezes se vê em situação embaraçosa para resolver segundo o *estyllo* e fazer justiça (*lós*) direita. A falta de codificação dos usos e costumes timores leva ao commettimento de actos pouco legais, realizados porém na maior sinceridade e pureza de intenções.

Nos reinos ha um succo chamado do rei para serviço e grangeio da sua casa e o genio do succo que não tem grão ou funcções especiaes a desempenhar fórma o (*lutuum*) escravos adstrictos a gleba não no sentido generico da situação, porque a condição de escravo com as suas durezas e oppressões não existe entre os timores e nas casas timoras não só os escravos são egualados aos membros da familia como se tornam seus descendentes e herdeiros e os chefes que não teem filhos adoptam-os e elles succedem-lhes tanto nas honras e dignidades como nos haveres. As guerras entre os indigenas é que davam logar a entrada de maior numero de estranhos na familia eram prisioneiros feitos nos combates chamados *quartel*, os quaes nas familias encontravam acolhimento certo.

Relações das povoações indigenas entre si

As relações entre os reinos de Timor são sempre mais ou menos tensas porque nunca esquecem os motivos porque uma vez se desaviram e facilimo é n'uma colonia em que a propriedade na sua maioria é collectiva e ha pouco ou nenhum respeito pelo alheio, suscitarem-se questões; além d'isto interminaveis pleitos se reeditam para cada mudança de auctoridade, pois a cada uma das partes os anima sempre a esperanza de poderem fazer valer os seus pretendidos direitos. Antes da colonia se achar pacificada e firmada a nossa auctoridade nos diversos reinos, era vulgar cair-se em meio de uma guerra entre indigenas e bem assim encontrar-se gente armada em continuas correrias; hoje esses recursos extremos tornaram-se muitos raros, mas mantem-se o fermento das dissenções e desintelligencias. Chefes mais astutos, com o fim de augmentarem os seus arraiaes, serviam-se dos *estyllos* com machiavelica diplomacia para egualarem as suas forças com as de um inimigo poderoso; para isso promoviam as uniões entre subditos seus com os de outros reinos, porque taes uniões (*vassau-uman*) importam em tratados offensivos e defensivos; para reparações pelas armas de questões externas dos reinos alliados (*bellos*), para a liquidação de questões internas nos reinos ou differendos entre os alliados, os seus maiores aplanavam as questões segundo os *estyllos*.

Os principios que regulam a moral indigena podem resumir-se na formula *todos os que não pertencem ao nosso reino, são nossos inimigos; justo é todo o mal e prejuizo que se lhes cause*. Apparentemente quem vir reunidos os chefes indigenas e attender só a exterioridades vê-los-ha as pessoas mais cortezes, mais attenciosas que imaginar-se pôde. Sob aquelles galanteios e amabilidades occultam-se, porém, os maiores rancores, os odios mais firmes, as intenções mais vis; mas só os de fóra é que se illudem e fazem o expressamente para nos illudir.

Caracter e frequencia das guerras entre os povos indigenas

Muitas vezes somos nós, isto é, os nossos administradores, que fazem chocar-se os varios elementos indigenas por falta de estudo e cuidado na decisão administrativa, ligando elementos heterogeneos, inimigos irreconciliaveis sob a mesma direcção, forçando-os a acharem-se em contacto constante. Mas no geral as guerras de timor dependem do numero, armamento, antagonismo de interesses, espirito guerreiro e assomado dos indigenas a quem o mais futil motivo, o mais insignificante prejuizo, a mais ridicula discussão irrita e leva ás do cabo, de fórma que em Timor não ha questões sem importancia e as auctoridades precisam de ser muito previdentes, muito sensatas e acharem se sempre ao facto do que se passa nos reinos, apparecer-lhes de improviso, aconselha-los e orienta-los com paciencia e bondade.

As questões de fronteiras e as colheitas da cêra, são as que mais questões originam; a abelha em *Timor* fabrica o mel e a cêra nas arvores ou nas cavidades dos rochedos; em algum enchame poisando n'alguma arvore situada na balisa de dois reinos, lá ficam a espial-o os indigenas de um e outro reino á espera que chegue a epoca propria de colher a cêra e o mel, e, como uns e outros se julgam com direito a elle, lá se origina uma questão que antigamente só pelas armas se derimia, e hoje obriga a auctoridade administrativa a intervir e a fazer a historia da emigração das abelhas para lhes determinar a proveniencia e buscar razões para fundamentar a sua sentença fazendo verdadeiros prodigios de paciencia e bonhomia para ouvir estiradas conversas e apaziguar cabeçudos questionadores. As questões de limites são interminaveis, porque, como já dissemos nunca os povos reconhecem a recta imparcialidade das resoluções tomadas pelas commissões nomeadas pelos governadores, cada mudança de auctoridade faz reviver a questão; as balisas dos reinos são collocadas pelas commissões, a linha de fronteira e collocação de marcas descriptas com todas as minuciosidades, mas isso não faz desaparecer a animosidade creada, especialmente havendo cessões de parte a parte, á mais pequena alteração occasionada pelos agentes naturaes revive a questão. Vimos em *Timor* copias de documentos de questões resolvidas tendo a data de 1790 e assignados pelo governador Joaquim Xavier de Moraes Sarmiento, que por não existirem os originaes nos archivos, tiveram de ser novamente resolvidos; é no littoral onde mais facil é darem-se alterações nas balisas pelas mudanças dos leitos dos cursos d'agua.

Nas guerras indigenas commettem-se barbaridades e selvagerias inevitaveis; o indigena durante a guerra fóra da acção do commando não dá quartel ao vencido; o unico trophéu, o testemunho da victoria é a cabeça do inimigo decahido. Cortada a cabeça com a espada curta (*suric*) de que vão munidos e d'um só golpe de diante para traz entõa o algoz o canto de guerra (*Lorun sae*) o sol que nasce que lança no maior abatimento o ar-

raial a que o decapitado pertence. Durante as guerras timoras em ataques a povoações ouve-se n'estas o batuke de guerra e os cantos das mulheres animando os combatentes e as vozes dos (*nai lulic*), feiticeiros que em sitios seguros reclamam dos espiritos sobre-naturaes a victoria para os seus, lhes explicam as causas originarias das contendas e a boa justiça que lhes assiste. Entrada uma povoação depressa é pilhada, reduzida a cinzas e cortadas as cabeças dos sobreviventes que na fuga não acharam salvação. O córte das cabeças raro é isento de perigos para o algoz, porque sobre o ferido ou morto caído assentam os companheiros as armas para impedirem que o atacante lhes corte a cabeça; o facto porém da decapitação traz para o executor (*assuai*) honras e vantagens que todos os indigenas ambicionam. A's cabeças cortadas são dedicados cantos e festas e depois de dissecadas ao fumeiro são depositadas nas casas consagradas á guarda dos tropheus de guerra (*pomalis*) que estão sob a guarda do feiticeiro (*nai lulic*). Os costumes teem-se humanizado e esta barbara pratica do córte das cabeças vae desapparecendo mercê do prestigio e acção exercida sobre os indigenas e já nas guerras em que os indigenas entram como auxiliares se consegue faze-los respeitar a vida aos vencidos e prisioneiros. Não é porém de um jacto que se desarreigam habitos e crenças de povos que defendem as suas liberdades selvaticas e só lentamente vão abrindo os olhos á luz deslumbradora da civilisação. O guerreiro que se tenha classificado valentão (*assuai*) não pode entrar em casa nem na povoação regressando da guerra sem que o vão receber com batuques e festas devendo o chefe dar-lhe um premio; não pode comer mais em prato nem com a mulher e fica fazendo parte da *élite* do reino a quem a sua defeza e os mysterios da sua politica são confiados; são os ultimos a sahir dos reinos e só lhes podem ser dadas funcções de commando, ficando com voto nos conselhos do regulo; comprehende se pois perante taes honras e privilegios quão difficil será extirpar dos costumes timores a pratica de taes selvagerias, hoje muito diminuidas.

Tratamento dos prisioneiros de guerra

O vencido sempre foi olhado pelos timores com altivez e desprezo, mas de admirar não é que tal succeda quando a historia nos diz quantos horrores e deshumanidades atravez os tempos commetteram os povos que hoje caminham na vanguarda da civilisação e a quem tanto preoccupam as mais generosas, mais puras e mais uteis affirmações philanthropicas. Os vencidos aprisionados dependem exclusivamente do governo que os colloca onde mais conveniente entende para ganharem a vida em plena liberdade. Ha alguns annos atraz os prisioneiros faziam parte dos despojos e saques da guerra e eram conduzidos pelos reinos vencedores e distribuidos pelos chefes e maioraes. Os prisioneiros de guerra, conhecidos pelo nome de *quartel*, eram considerados escravos; a sua escravidão reduzia-se porém a não possuir terras, a não abandonar a residencia que lhes destinavam e reino a que ficavam pertencendo, entravam porém nas familias de que começavam a fazer parte, tratados e acarinhados em egualdade de circumstancias não lhes era difficil adquirir a sua manumissão. A chamada do *quartel* a concorrer para a manutenção da familia e desobriga dos encargos legaes dá-lhes a egualdade de direitos e até honras e prerogativas se por ventura pertencerem á familia em que entraram. A humanidade, a não alteração de habitos e costumes, bem como a liberdade usufruida, explicam a docilidade

e nenhuma repugnancia com que o *quartel* se accomoda ao novo viver e aos novos amigos. A pouca resistencia phisica, a sua apparencia franzina livraram-os da cupidez dos negreiros.

Crimes — Penalidades

As leis que em materia criminal vigoram na colonia são as mesmas para todo o ultramar e para o reino e pela carta constitucional o timor tem as mesmas obrigações e deveres dos mais cidadãos portuguezes. Ha factos que o timor não considera crimes e até pratica suppondo exercer um acto de justiça e um direito livre portanto de toda a intenção criminosa. A propaganda dos nossos missionarios, o convívio com as auctoridades, a sua acção persistente na repressão de faltas, a affabilidade de trato e brandura dos nossos costumes, vão reduzindo a pratica de deshumanos attentados contra a vida do seu semelhante; muito porém ha que educar e civilisar antes que incutir se possa n'aquellas tribus os sentimentos do direito e do dever. O timor, cioso da sua liberdade, soffre muito no cativeiro; são como as aves para quem o movimento, a vida livre, são condições essenciaes ás suas funcções physiologicas; o sequestramento a solidão entristece-os e mata-os, as suas crenças porém, a sua inconsciencia, os impulsos dos seus corações inaccessiveis á commiserção, os seus instinctos selvaticos levam-os á pratica de actos repugnantes e ferozes; a sua justiça é a lei de Talião. Ha crimes para os quaes os *estylas* timores comminam penas especiaes, mas actos criminosos para nós civilisados existem que para o timor não são senão actos de justiça. Vamos tratar de uns e outros, não esquecendo que o codigo penal portuguez regula e preceitua para todos sem excepção. Segundo os *estylas* timores apenas os roubos violentos praticados sobre a pessoa, na residencia ou nos gados constituem crime de pena capital, porque no simples attentado ou não sendo encontrado o ladrão em flagrante delicto pode este remir a sua pena, indemnizando dos prejuizos causados; apanhado em flagrante é morto e a cabeça é lhe cortada e exposta para exemplo juntamente com a cabeça do animal roubado ou coisa que indique a qualidade do roubo. A invasão da propriedade e a utilização de fructos pendentes e searas não são considerados actos puniveis para individuos da mesma tribu, mas são o para extranhos a quem considerados inimigos era uma virtude mata-los e despojal-os. O homicidio era punido com a morte, mas o homicida podia remir a culpa dando á familia um substituto e a indemnisação por ella arbitrada. O estupro e o adulterio em, ou com pessoa ligada a chefe ou regulo por quaesquer vinculos, eram punidos com a morte, nos mais accordos podem ser feitos, fixando-se a indemnisação a pagar pelo violador ou adulterio. No crime de feiticaria (*suanguice*) a punição pode estender-se a toda uma familia; o individuo occusado de (*suanguie*) feiticeiro e de com os seus maleficios haver provocado uma epidemia ou levado a morte a alguém será eliminado dos vivos bem como os membros da familia a que pertence. Isto dá logar a tremendos crimes, a pavorosas vinganças e infelizmente ainda hoje é um dos crimes que se pratica com maior frequencia; não ha epidemia, fallecimento do chefe ou regulo que não dê logar a tão repugnantes attentados praticados e executados com a consciencia e convicção de que se pratica um acto louvavel e justo para affastar grandes males. Pelo codigo penal portuguez são os crimes graves punidos com a pena de degredo com gradações varias; é esta uma pena gravissima e improductiva para estas tribus que não resistem á nostalgia, á saudade dos seus lares e sob o aspecto moral, tal pena é uma inutilidade porque para o meio indigena

não resultam do degredo do criminoso as menores vantagens. O exemplo da punição por se revelar só em paragens longiquas não traz vantagens nenhuma para regenerar o meio, é preciso que o exemplo perdure e é na observação diaria, n'um trabalho regrado mas praticado sem tibiezas, em que phisica e intellectualmente se lhes incuta o habito do trabalho, a consciencia do dever e conhecimento do acto criminoso, que um condemnado pôde regenerar-se e tornar-se util; é com a mais intima satisfação que vemos crear corpo e formar opinião accite com geral applauso o estabelecimento de colonias penaes, o que, além de ser uma medida economica, é sobretudo o meio de utilizar os expulsos de uma sociedade, formando-lhes o coração, educando-os, dando-lhes habitos de trabalho e independencia de character, fazendo-lhe sentir pela separação do convívio habitual as responsabilidades e gravidade das faltas, levando-os ao arrependimento e á pratica de actos honestos.

Constituição da familia

Ha no timor um grande espirito de liberdade que se reflecte mesmo na fórma por que as familias timoras são constituídas; aos paes não os apoquentam os cuidados pela ausencia dos filhos e estes não se preocupam tambem com o seu affastamento; raparigas e rapazes gosam egual liberdade, ninguém lhes pede contas nem exige satisfações do emprego do seu tempo quando não acompanham a familia nos seus trabalhos manuaes. Apenas aos filhos dos chefes ou regulos se exige mais recato, fazendo-se acompanhar pelos que a seu cargo teem vigia-los e dirigi-los. A familia timora constitue-se pelo casamento para os christãos ou pelo *barlaque*, união gentilica para os gentios; quer uma quer outra fórma é considerada para os timores como um mero accordo como fim de uma serie de combinações levadas a bom termo pelas partes contractantes. O timor, tomada por si ou pela familia a deliberação de formar casa e escolher mulher, dirige-se directamente, ou por meio dos seus, aos paes da futura, fazendo-se acompanhar dos presentes destinados a adquirir as boas graças e sympathias da familia em que se propõe entrar.

Examinados os presentes, achados em quantidade e qualidade bastantes, é permitida a livre entrada no seio da familia e celebrado o acontecimento em copioso e pantagruelico festim, discutindo se então todas as clausulas do contracto; accorda-se nas obrigações e encargos a contrahir, fórma e especie de pagamento, em que entram com curso forçado bufalos, porcos e joias. Chegado o dia da bôda, realisada a cerimonia do casamento na igreja ou o dia do *barlaque*, reunidos os amigos e convidados, começam os (*tabedaes*) dançando e atroando os ares com os seus cantos desafinados e o tamborilar monotono do (*baba*), pequeno tambor conico, precedidos de dançarinos infatigaveis que saltando, brandindo lanças ou espadas e fazendo momices, animam a festa. Segundo os *estyls*, o noivo não é forçado a satisfazer adeantadamente ou de prompto os compromissos que tomou, mas não tem o direito de levar comsigo a mulher e mais tarde os filhos, se os houver, enquanto não saldar as dividas que contrahi. Desgraçado do que não possa pagar d'uma vez o *quantum* a que se obrigou, porque por mais que dê, que trabalhe, que junte, nunca consegue saldar a divida, cujos encargos crescem em progressão geometrica, sendo o tempo a razão. O timor cuja união não seja prolifica pôde repudiar a mulher e tomar outra ou outras, porque a polygamia existe entre elles. O homem que constitue familia e não pagou o contracto (*barlaque*) pôde, se é de reino diverso, affastar-se, mas não pôde levar a mulher e os filhos, o que dá logar a reclamações por vezes enfadonhas motivadas pela

perturbação nos costumes causados pelas nossas leis e pela cathechese e que os chefes indigenas velhacamente reclamam para augmentarem os seus vassallos e contribuintes e assim apparecem os chefes d'um a pedir applicação das leis consuetudinarias e os chefes d'outro a pedir applicação das lei civis e canonicas. Os casamentos e barlaques entre membros das familias de chefes ou regulos representam tratados de alliança offensiva e defensiva (*vassau-uman*) entre si e os reinos a que pertencem e por vezes são de grande inconveniencia politica. Os paes da mulher acceitam e defendem sempre os netos, ainda mesmo que se não chegue a realisar o barlaque e que resultem de união sexual antecipada, porque a importancia das familias depende do numero dos membros que a compõem como do numero depende tambem a importancia do chefe da povoação, succo e reino de quem todos os vassallos são filhos (*lau-nia-óan*). Na familia todos concorrem para o seu bem estar e prosperidade e todos teem eguaes direitos, apoz o successor do chefe o primogenito que lhe herda auctoridade e honras. Quando algum membro da familia morre ao seu cadaver, segundo os *estyllos*, não póde ser dada sepultura sem que todos os parentes se encontrem reunidos, o que por vezes é difficil, ficando até que a reunião se faça o cadaver mettido n'um tronco cavado hermeticamente, fechado e depositado n'uma barraca construida para o abrigar ou nos troncos de frondosas arvores proximas das habitações.

Conseguida a reunião da familia, todos teem que concorrer para o enterro; os genros ou homens ligados a mulheres parentes do chefe da familia (*mano-fons*) devem trazer como presente bufalos (*cráu*) e dinheiro (*ossa*), os solteiros e solteiras dinheiro ou generos e o chefe (*uman*) tem que dar aos genros e parentes masculinos, porcos (*faic*) e panos (*taes*). Em presença da familia reunida abria-se o caixão, que, como dissemos, é um tronco cavado, e mostrava-se o cadaver exhalando, é claro, um cheiro pestilento a que os timores parecem insensiveis e feita a cerimonia tornava-se a fechar o tronco, barrando as juntas com o succo d'uma sarmentosa que cresce junto ao mar. Até ao dia do enterro (*acoi mate*) come-se, bebe-se, dança-se animadamente e junto do caixão carpideiras que se revesam conservam a nota lamurienta e rythmada do *estyllo*. A quantidade de bufalos, porcos, etc., que se mata depende, é claro, da importancia e numero dos membros da familia e por vezes é elevado o numero de animaes, que se reconhece no poste levantado junto ao coval, onde ficam pregadas as armações dos bufalos, carneiros, queixadas dos porcos e por vezes de cavallo. No dia do enterro todos se dirigem, *tabedae* á frente, guarda do reino, caixa e bandeira se é chefe ou regulo, ou portadores de espingardas para dar os tiros da usança a seguir o atauda e atraz o successor e carpideiras e mais familia e tudo segue para o coval. Durante o percurso e junto á cova vae arengando o successor na cheia ou mais graduado da familia e a este responde o cõro das carpideiras com atroador berreiro. Acabada a prelenga junto á cova desce-se a esta o corpo, os *tabedae* rompem com entusiasmo e todos executam passos de dança empurrando a terra com os pés até encher a cova, e cheia esta põem-se pedras a formar tumulto e colloca-se um poste ou postes com os restos das victimas dos festins e destinados a attestar a importancia da morte e grandiosidade dos banquetes. Por vezes era impossivel reunir-se a parentella e então os defuntos ficavam insepultos e em 1900, anno em que foi ordenado pelo governo da colonia fosse dada sepultura a todos quantos existiam em barracas e arvores, vimos caixões que, segundo a historia dos parentes e documentos apresentados, ha mais de um seculo jaziam insepultos; hoje todos os cadaveres são enterrados dentro de quarenta e oito horas, mas os *estyllos* e ceremonias continuam a fazer-se da mesma fórma e por vezes em annos seguidos pelos mezes de Setembro e Outubro, porque

o culto dos mortos e festas que origina são das que os timores mais apreciam. Por vezes também a quantidade de animaes é tal que não se abatem todos e então são distribuidos pelos parentes segundo as suas cathogorias, succedendo o facto curioso de ás vezes um dos genros (*mano fon*) trazer um bufalo e levar para casa outro melhor.

Existencia de trabalhadores livres

Os trabalhadores gosam da maxima liberdade e já dissemos a especie de escravidão que em Timor existia, que nada tinha de repugnante nem deshumana.

Regimen da propriedade

A ideia e regimen de propriedade vae-se aperfeiçoando á medida que os povos evolucionam, partindo d'uma indeterminação inicial para a individualisação final. A' medida que um povo progride e vae affirmando os seus momentos constitutivos a ideia de propriedade concretisa-se e os povos libertam-se. Em *Timor* succede o mesmo que nas mais sociedades primitivas; pela fixação das tribus deixou a terra de ser vaga e pelo agrupamento politico passou a ser possuida; não se podem porém, determinar as étapes que especialisam o grão de civilisação alcançado, as marcas evolutivas do progresso e independencia pessoal, porque ali se encontra um pouco de tudo, collectivismo communal, collectivismo familiar e apropriação individual até dentro do mesmo reino.

Existirá entre o indigena a ideia de propriedade, de seclusão do todo commum uma vez que elle vae construir a sua barraca em qualquer local da collectividade, o cerca e passa a declarar sua terra? Praticará elle isto como forma de apropriação estabelecida pelo estylo como pelo *adat* malayo se consigna o regimen agrario em Java? Não nos repugna crê-lo attentas as affinidades de raça e relações havidas entre polynesios e malayos, e ser esta a fôrma porque se cria a propriedade nas sociedades primitivas; assim se procedia na *Germania* com as *bifangs* e até nós o praticámos ainda nos tempos medievaes pelo direito conhecido pelo nome de atondo em que cada um passava a usufruir a terra que desbravava e de que se apoderava, e vêmo-lo praticado em toda a *Russia* d'além *Dnieper* no *mir*, onde o mujick cerca junto á sua *isba* a horta de que faz propriedade alienavel e hereditaria. Se na *Grecia* e *Roma* se não deu a apropriação pela separação do *common* foi porque a propriedade familiar nasceu logo na divisão das terras feita em epocas remotas. Em *Timor* a terra acha-se na posse dos varios reinos cujos povos a dentro das suas fronteiras a usufruem em commum, sendo a fôrma de exploração empregada em certas culturas o *alqueive*; os reinos são formados por succos e estes por povoações; a cada uma d'estas acha-se adstricta uma area onde cada familia marca as suas hortas e onde todos os membros d'ella trabalham; fóra d'estas zonas ha o *common*, onde todos os habitantes da tribu podem arrotear temporaria ou permanentemente, adquirindo o direito de posse e dominio ao sólo. Devemos dizer que como a *tjatja* em *Java* a familia em *Timor* não se compõe só dos membros d'ella propriamente, mas d'ella fazem parte *quarteis* e adventicios que, não tendo habitações proprias, vivem nas mesmas terras e até na mesma casa, ligados ao chefe da familia. Dentro dos reinos existe também o *allodio* e assim vêmos

coexistirem fôrmas tão distanciadas, movendo-se no seu dynamismo a sociedade timorense entre os dois pólos do communismo e do individualismo. Estas variadas fôrmas de fruição do sólo são consequencia não do gráo de cultura intellectual ou aperfeiçoamento social, mas da liberdade que o indigena gosa e natureza das culturas exploradas. Nos reinos, fóra das zonas das povoações e hortas particulares, todo o indigena tem o direito de desbravar e cultivar e é no terreno communal onde se preparam as terras para o milho (*bitar tós*); cada familia escolhe o terreno que julga mais proprio e melhor, em geral coberto de mátto ou floresta, que como já dissemos, córtam e deixam seccar, enquanto preparam a vedação que lhes hade preservar a colheita dos estragos dos animaes que os timores deixam em liberdade. Este terreno serve-lhes durante dois annos ou tres e depois abandonam-o para ficar em pousio e se vestir de novo, aos mattos seccos lançam-lhes fogo, ficando o terreno limpo e adubado. No terreno communal adquire o indigena o dominio do solo preparando as suas hortas de café, explorando-as em proveito proprio ou da familia, limitando a sua propriedade com marcas formadas de plantas de folhas persistentes que n'aquellas regiões humidas e humosas se desenvolvem, emmaranhando-se quando proximas umas das outras formando sebes continuas. Quando a região propria para determinada cultura era de area muito restricta e estava proxima de povoação era dividida em partes proximamente eguaes e distribuida pelas diversas familias, podendo o chefe de cada uma ainda dividi-la pelos seus membros e a propriedade formada assim, tornou-se hereditaria e alienavel. A propriedade collectiva familiar, existente em todas as povoações, proxima ou a seguir á barraca de habitação é o campo onde todos da casa trabalham e arrancam a parte da sua alimentação; esta terra, assim como a casa, passam por direito de primogenitura na familia. Os arrozaes (*nátar*) timores como as sawhas de Java constituem propriedade allodial, a area d'estes terrenos é limitada ás planicies irrigadas e ás margens das ribeiras, e porisso devia tambem ter havido necessidade de distribuir estes terrenos pelos habitantes das (*enuac*) povoações, que devendo ter sido primitivamente bens familiares e collectivos foram por hereditariedade e sub-divisões tornando-se individuaes. Em Timor não ha as sortes dos *tegals* de Java, porque a população sendo pouco densa tem muito por onde se estender; não ha pois ali, regimens especiaes de propriedade correspondentes a determinadas phases de progresso, que partindo d'um vago, d'um indefinido, chegasse por gradações successivas a fixar-se, a individualisar-se; parece pelo contrario que com a degenerescencia marcada dos povos se deu um retrocesso e as fôrmas de perfeição social alcançadas se foram adulterando e tenderiam de novo para a fôrma primitiva d'onde emergiram se as leis portuguezas não intervissem para lhes oppor uma barreira. Pelas leis portuguezas foi reconhecido ao indigena o direito de propriedade e de alienação sem restricções entre indigenas, sujeito ao veto governativo nas transmissões a europeus. A propriedade communal com o exclusivo direito de dispôr passou, para o governo e os incultos, os baldios, só por concessão legal se podem tornar propriedade particular e emphiteutica, não havendo remissão do fóro, considerando os baldios como servidão publica e consentido aos indigenas o seu aproveitamento temporario, promulgaram-se disposições regulando o uso e córte de madeiras, já para evitar a destruição de especies ricas e essencias apreciadas, já para prevenir alterações climatericas fataes, se se procedesse a uma cultura extensiva. Para um aproveitamento de terrenos e fixação de culturas proprias torna-se urgente um inquerito agricola e o levantamento d'uma planta cadastral que facilite o exame das regiões, das propriedades e concessões de terrenos.

Estado Industrial

E' muito pobre em caça a ilha; a que com mais frequencia e abundancia se encontra são pombos de varias especies, veados (*cervus moluccensis*) e porcos selvagens (*suis timorensis*). Gados existem os seguintes: lanigero, caprino, ovelhum, bufalino, cavallar, e suino. Importado ha o bovino que se tem reproduzido bem, existindo hoje algumas centenas de cabeças. Por occasião da estiagem costumam apparecer epizootias que matam muito gado bufalino, o qual é atacado de doenças de garganta e coração e no tempo das chuvas morrem muitos carneiros com a gafeira.

Agricultura.—Encontra-se, como dissemos, em estado rudimentar e reduzida ás culturas já indicadas e a falta de capitaes tornará ainda mais lastimoso o seu estado, pois das tribus que habitam a colonia nada ha a esperar desde que o governo não dedique especial attenção a fomentar o trabalho e animar as culturas introduzindo novas plantas e intervindo na sua diffusão e aproveitamento, porque o povo timor precisa de constante tutela; abandonado a si mesmo nada produz. Da industria agricola deve esperar a colonia a sua prosperidade; preciso é porém que haja quem se não contente como os timores com os productos desenvolvidos á superficie da terra e que para se obterem demandam simples e facil cultivo. E' facto que com a agricultura e sobretudo por ella começaram as sociedades, pois enquanto os povos se conservaram no estado nomada e vivendo da pesca e caça, a vida pastoril dos tempos primevos da humanidade, as sociedades não se fizeram. O estado em que a agricultura se encontra mostra quão pouco progressivos são os povos timorenses. Os malaioes, não obstante o choque com civilisações que deixaram provas irrefragaveis do seu esplendor patenteado na munificencia e grandiosidade dos seus monumentos de que o templo de *Boroe Bodor* em Java é a mais notavel affirmação do grão de cultura a que esses povos chegaram, tendo attingido a méta do seu progresso, retrogradaram passando pelas phases do desenvolvimento alcançado, para de novo se fixarem nos mesmos processos e culturas das primeiras edades. Hoje ainda os que não trabalham nas emprezas europeas explorando a canna, o café, o cacau, o chá, etc., continuam cultivando as suas *sawahs* pelos mesmos processos e com os mesmosapparelhos creados pelos seus primitivos antepassados. Em epoca bem proxima iniciou-se um periodo de desenvolvimento agricola esperançoso, animando-se europeus e indigenas a augmentarem as suas culturas e a cuidarem de outras novas introduzidas na colonia; mas golpe irremediavel de prejudicialissimos effeitos lhe foi inconscientemente vibrado creando a desconfiança nos capitaes que com lentidão se iam interessando na industria agricola. Para que uma colonia confiando apenas o seu progresso á agricultura se desenvolva, necessita que se desvançam todos os receios e se lhe garanta o socego preciso para se poder aguardar uma remuneração do capital; que as leis que regularisem os serviços agricolas tenham character persistente e que ao agricultor se deixe toda a liberdade de acção, se lhe não ponham entraves á escolha de terrenos e prestação de serviços; é preciso que, como diz Michel Chevalier, "as ideias de progresso social concebidas nas velhas sociedades onde uma parte é feita ao trabalho calmo do pensamento, tenha tido necessidade para receber applicação e para se incarnar sob a fórma de sociedade nova de se exilar e d'ir tomar terra em regiões reputadas barbaras." Para um paiz novo são precisas novas leis e estas teem de attender á mesologia e demographia dos povos que o habitam; a demasiada protecção, os velhos preconceitos das sociedades gastas, a colonisação official abafam e

esganam toda a iniciativa, por mais audaz que se manifeste; a missão do estado é animar, auxiliar, proteger e nunca substituir-se ou impôr-se como parte directamente interessada.

Indústrias extractivas de natureza agricola ou florestal.—Pelo que temos dito calcula-se o que seja a industria agricola em Timor; já nos referimos á industria do fabrico de pannos (*taes mane*) e (*taes feto*) sarongs com que os indigenas se cobrem, fabricados com o algodão colhido na colonia, com especialidade no reino indigena de Marôbo.

Uma variedade grande de plantas texteis existem na colonia que os indigenas aproveitam, como por exemplo: a *tali* e o *gamute* para fabricarem cordas muito resistentes, especialmente as de *gamute* muito duraveis quando tiverem de estar mergulhadas na agua. Da casca da *fuca* fabricam magnificas linhas de pesca e das folhas do (*Pinus silvestris*) bóro, fazem macias esteiras. As plantas proprias para a tinturaria, como o indigo á frente, abundam e os indigenas aproveitam-as para tingir os seus pannos. Muitos artefactos de palha, taes como: cestos, saccas, chapeus, cigarreiras, etc., são fabricados, revelando alguns muito trabalho e gosto artistico. A tecelagem encontrará facilmente em Timor magnificos artistas. As florestas fornecem magnificas madeiras proprias para construcção e existem em Timor serrações pertencentes ao governo. Para a fabricação de alcool aproveitam sóros de palmeiras, chegando a funcionar tres pequenos alambiques que produziam 2:500 litros annualmente, mas a animosidade com que tal industria foi acolhida depressa a fez desaparecer.

Outras industrias. — A ourivesaria é praticada pelos (*badaes*), mestres que fabricam e trabalham os ornamentos com que se enfeitam os indígenas, taes como pulseiras, brincos e collares, havendo alguns trabalhos de filigrana apreciaveis. Ha ferreiros e forjadores que fabricam de aros de pipas, cutellos e espadas de finissima tempera. Pescadores ha-os em toda a costa mas com pouco se contentam, de fórma que a salga de pescado é insignificante.

Rendimento — Repartição — Remuneração do trabalho

O rendimento da colonia durante o anno de 1908 a 1909 que apresentamos não só por ser o ultimo como por ser o mais elucidativo, apresentando-nos receitas creadas n'aquelle anno, dá-nos durante a sua vigencia economica os resultados seguintes:

Impuestos directos

Imposto de capitação (a).....	15:547\$124
Fintas (b).....	6:234\$111
Imposto do sello.....	6:196\$038
Contribuição de registo { Por titulo gratuito.....	13\$713
{ Por titulo oneroso.....	113\$388
Imposto de mercês ultramarinas.....	1:438\$563
Licenças para casas de vendas e penhores (b).....	1:877\$840
Licenças para casas de jogo (b).....	1:732\$673
Licenças para extracção e venda de sal (a).....	845\$200
Licenças diversas (a).....	519\$180
Licenças para côrtes de madeiras (a).....	209\$824
<i>A transportar.....</i>	<i>34:727\$654</i>

	<i>Transporte</i>	34.727\$654
Emolumentos sanitarios.....		67\$392
Emolumentos dos portos (a).....		736\$074
Emolumentos diversos.....		237\$901
Multas.....		1.435\$264
Contribuição de registo	{ Por meio de guia.....	142\$200
	{ Por estampilha.....	152\$387
Imposto sobre palmeira (a).....		173\$361
6 % juro da mora.....		3\$045
3 % de multa.....		\$200
Licença para pesquisa de minas.....		25\$000
	Total	37.710\$478

Impostos indirectos

Alfandega	{ Direitos de importação (b).....	38.161\$347
	{ Direitos de exportação (b).....	45.928\$690
	{ Armazenagem.....	112\$088
Imposto de tonelagem.....		79\$267
	Total	84.281\$392

Proprios e diversos rendimentos

Rendimento da plantação do Estado (a).....	148\$789
Rendimento dos correios (a).....	2:039\$303
Rendimento dos commandos militares (a).....	339\$998
Rendimento telephonico (a).....	270\$880
Rendimento da imprensa nacional (a).....	319\$666
Rendimento da ponte-caes (a).....	2:903\$651
Rendimento da salina da Laga (a).....	529\$362
Foros e rendas (a).....	452\$580
Frete e passagens em barcos do Estado (a).....	438\$948
Medicamentos e tratamento de doentes (b).....	2:049\$877
Receitas eventuaes e não especificadas (b).....	2:220\$466
Total.....	11:713\$720

Compensações de despesa

2 % para a reforma militar.....	251\$100
Rendimento com applicação especial — Obras Publicas (b).....	5.032\$061
Total.....	5.283\$161

Recapitulação

Impostos directos.....	37.710\$478
Impostos indirectos.....	84.281\$392
	<hr/>
A transportar.....	121.991\$870

	Transporte.....	121:991\$870
Proprios e diversos rendimentos		11:713\$720
Compensação de despesa.....		5:283\$161
	Somma total.....	<u>138:988\$751</u>

Os rendimentos medios da colonia no periodo que vae de 1897 a 1905 por anno economico foram de 81:607\$711 e comparados com os do anno economico de 1908 a 1909 accusam estes uma differença para mais de 57:381\$040; esta importante differença é o resultado das medidas propostas em 1906 para o estabelecimento do imposto de capitação approved e posto em execução só em 1908, da cobrança de fintas atrasadas, medidas de fomento agricola e augmento da producção de café a que se seguirá um anno mais escasso, porque o café é aneiro, mas entrarão no computo outras plantações mais novas, de fórma que as exportações de café ir-se-hão equilibrando, havendo uma media de producção presentemente de 1.302:000 kilogramas de café cereja e 832:302 kilogramas de café exportavel. Nenhuma medida de fomento foi publicada desde junho de 1908, todas as receitas marcadas (a) e o grosso das marcadas (b) foram creadas e obtidas na administração e periodo decorrido de 1894 a 1908 e se innumerous monumentos e melhoramentos não existissem na colonia para lhe dar uma posição de destaque, o augmento dos redditos da colonia e creação de materia collectavel seriam bastante para consagrar o trabalho d'um homem, o imporem ao reconhecimento dos seus concidadãos e ao respeito do paiz. Para os que choravam a sorte dos dinheiros idos de Macau acharão aqui larga compensação para as suas maguas; para os descrentes ahi ficam factos: a linguagem dos numeros pela sua sobriedade impõe-se. *Res, non verba* e obras ahi estão; a colonia tirou proveito da administração do districto que deve mais que nunca ser conservada para não entravar o progresso da colonia, a qual já de ha muito inscreveu no livro de ouro das benemerencias o nome respeitavel d'esse vulto politico, grande pela pujança do seu talento e honestidade do seu character que se chama o Conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa, de cuja bondade espero desculpa para esta justa referencia.

Commercio

O commercio entre os indigenas e nos mercados do interior realisa-se mais pelo escambo ou troca que a dinheiro; este é conhecido e apreciado como material a empregar no fabrico de joias variadas ou utilizado pela applicação directa sobre os pentes e cintos que prendem os cabellos e pannos das mulheres. Se houvesse moeda cunhada para o districto, d'este emprego dado pelos indigenas podia o governo tirar proveito e realizadas certas medidas preparatorias, algumas já creadas em lei, não era difficil impôr-se a nossa moeda, apezar do isolamento em que se acha da metropole e de se achar no meio de colonias estrangeiras, porque *Timor* exporta mais do que importa.

A não ser tres casas portuguezas que vivem pouco desafogadas, o commercio está nas mãos dos chinas e mouros, negociando por conta propria ou como agentes de casas commerciaes com séde em *Makassar*, *Kaepang*, *Sacrabaya*, *Hong-Kong* e *Macau*.

Os que desconhecem o systema de commercio na colonia ou se deixam levar por primeiras impressões cahem em grandes desacertos tirando conclusões absolutamente falsas; quem por fins de Setembro ou Outubro entre na colonia e assista á partida dos negociantes, julgará que tal exodo é resultado de operações infelizes, d'uma estagnação ou ausencia de negocios, bem como o entusiasmo attingirá o ultimo grão de admiração pela ri-

queza e movimento da colonia, assistindo ao desembarque de negociantes que pelos mezes de Abril e Maio invadem a colonia. Este fluxo e refluxo de negociantes é consequencia da abertura ou encerramento da epoca de maior actividade mercantil na colonia causada pela colheita do café que vae de Maio a Setembro, e não como impensadamente tem sido attribuido a pressões ou influencias de outra ordem; este movimento desusado no meio commercial, repete-se annualmente nas epocas fixadas. Não são os negociantes descontentes que sahem da colonia para tentar vida algures, são os repletos, os bafejados pela fortuna que, deixando de ser intermediarios e de occuparem posições subalternas, vão fundar nos grandes centros mercantis, depositos onde recolham os seus productos livrando-se da tutela de bancos e capitalistas; por esta razão se vêem firmas antigas estabelecerem-se em novos mercados, mas por um phenomeno de sissiparidade commercial, não de definhamento, mas sim de robustecimento do nucleo principal. Dois são os artigos de exportação que fazem convergir para a colonia as atenções de estranhos e os induzem a irem alli explorar o commercio, os quaes são, por ordem de importancia e valor d'exportação, o café e o sandalo; tempo, porém, houve em que o segundo excedia o primeiro, e constituia, como já dissemos, o ramo mais importante de actividade mercantil, sendo até o chamariz alli da navegação. Em 1861 a exportação de café era de 283:706 kilogrammas e a de sandalo 120:669 kilog.; escolhemos o anno economico de 1860 a 1861, porque foi a partir d'elle que a cultura do café começou a fazer-se em grande escala, recebendo a confiante, energica e sincera influencia d'esse illustre governador, Affonso de Castro e que o commercio do sandalo começou a decahir pela grande baixa de preço, resultante da descoberta do sandalo no norte da *Australia* e ilhas do *Pacífico*. Os rendimentos da colonia, apesar do baixo preço e pouca sahida do sandalo, não diminuíram, porque encontraram no café, que augmentou a sua exportação representada já em 1865 por 147:560 kilogrammas, uma excellente compensação, promettendo o commercio e a café-cultura tomar grandes proporções já pela boa orientação administrativa, já pela boa adaptação dos indigenas a tal cultura, acceitação e procura do artigo. A sahida do governador e perturbações constantes da ordem vieram paralisar um movimento tão bem iniciado de progresso, as produções augmentaram porque as plantações feitas se desenvolveram, mas desapareceu o entusiasmo, e nem o interesse nem a persistencia são qualidades possuidas por indigenas em apreciavel grão; a idade e falta de tratamento foram exgotando as plantações de forma que em 1894 a produção achava-se muito reduzida, os cafeeiros decrepitos e muito abalada a nossa soberania.

Urgia soccorrer de remedio prompto males que economica e politicamente nos suffocavam e atacar a doença com energica medicação e decidida intervenção e d'uma activa e laboriosa applicação de medidas apropriadas, d'um dedicado e criterioso estudo e proceder, resultaram os beneficios d'uma pacificação completa da colonia, mantida oito annos seguidos e elevar-se a produção do café a 1.302:000 kilogrammas e a do sandalo a 315:864 kilogrammas de pau escolhido e 206:771 de raizes. Os valores das exportações no triennio de 1905, 1906 e 1907 e portos de destino vamos apresenta-los e se comparassemos o valor da exportação da colonia em 1866, cujo valor em rupias foi de 134:870,91 ou réis 43:158\$691 para a rupia a 320 réis o valor da exportação actual em que a rupia vale só 270 réis e o valor da exportação é de 330:043\$597, veriamos que esta se acha 7,6 vezes augmentada, pelo que é licito perguntar o que seria esta colonia se tivesse os auxilios de dinheiro e iniciativas que S. Thomé achou? Os valores da exportação no triennio 1905 a 1907, acham-se assim distribuidos:

III — Exportação

Destinos	1905 Valores	1906 Valores	1907 Valores	Somma	Media
Australia.....	2.592\$000	2.206\$400	1.095\$440	5.893\$840	1.964\$613
Hong-Kong.....	35.631\$657	39.496\$737	25.790\$100	100.918\$494	33.639\$478
Ilhas Neerlandezas...	244.643\$962	298.828\$777	291.657\$746	835.130\$486	278.376\$828
Lisboa.....	1.076\$960	11.923\$460	11.164\$000	24.164\$420	8.054\$806
Macao.....	10.650\$631	8.948\$029	2.596\$382	22.231\$042	7.410\$347
Mancha.....	80\$000	—	—	80\$000	26\$666
Shanghai.....	431\$944	499\$420	—	931\$364	310\$454
Singapura.....	329\$630	392\$300	8\$000	730\$130	243\$376
Goa.....	—	17\$810	—	17\$810	5\$936
Amsterdã.....	—	—	333\$280	333\$288	11\$093
Valor da exportação.....					
	330.043\$697				

N. B. — Estes valores são expressos em réis, Rúpia — 270 réis.

A este augmento da exportação tem correspondido naturalmente um augmento de importação cujo valor em 1860 era representado por 41.760\$384 réis e hoje é de 278.233\$438.

IV — Importação

Procedencia	1905 Valores	1906 Valores	1907 Valores	Media	Somma
Australia.....	1.634\$991	2.270\$350	4.191\$400	8.096\$741	2.698\$913
Hong-Kong.....	75.614\$460	23.523\$042	14.177\$379	113.314\$881	37.771\$627
Ilhas Neerlandezas...	149.702\$966	164.267\$224	157.153\$730	471.123\$920	157.041\$306
Lisboa.....	15.318\$114	18.112\$984	10.827\$184	44.258\$282	14.752\$860
Manila.....	42\$120	—	—	42\$120	14\$040
Macao.....	34.107\$626	64.977\$882	32.000\$908	131.086\$316	43.695\$438
Narselha.....	121\$630	487\$280	543\$000	1.151\$910	383\$970
Paris.....	4\$590	85\$460	120\$000	210\$050	70\$016
Rotterdam.....	462\$200	214\$000	3.973\$030	4.649\$230	1.549\$743
Singapura.....	27.058\$982	8.990\$504	8.966\$225	45.015\$711	15.005\$237
Amsterdã.....	—	1.260\$764	10.903\$768	12.164\$532	4.054\$844
Barcelona.....	—	1.056\$223	—	1.056\$223	352\$074
Allemanha.....	—	378\$384	—	378\$384	126\$128
Hamburgo.....	—	156\$300	504\$380	660\$680	220\$226
Southampton.....	—	125\$000	674\$200	799\$200	266\$400
Melbourne.....	—	—	480\$240	480\$240	160\$080
Londres.....	—	—	217\$880	217\$880	72\$626
Valor da importação em réis.....					
	278.233\$438				

Dos mappas que apresentamos e dos valores das exportações e importações vê-se quanto tem prosperado e progredido, apenas entregue aos seus proprios recursos, esta colonia destinada sem duvida a um brilhante futuro logo que, achada a fórma mais accomodada do seu viver, se valorisem os thesouros que contém quer sob o ponto de vista agricola quer sob o ponto de vista mineralogico. Uma das mais imperiosas necessidades é libertar-se o indigena de intermediarios sem consciencia nem escrupulos como são os chinas, forçando-os a contribuir para a colonia e a fixar-se offerecendo-lhes vantagens mas impondo-lhes obrigações como os hollandezes fazem, affastando todos os miseraveis e inhabeis, exigindo-lhes capital e creação de interesses. Até quasi ao final de 1908 não se permitia o commercio com o indigena senão nos pontos onde houvesse auctoridade estabelecida e aos agentes das casas commerciaes era-lhes limitada a permanencia entre os indigenas; os negociantes tinham que ter montada casa nos grandes centros commerciaes ou que a construir no prazo de dois annos nas sédes dos commandos em que se quizessem estabelecer e assim se crearam villas e municipalidades onde apenas havia mattos, habituaram-se os indigenas ao convívio europeu e uma salutar segurança e fiscalisação era exercida. A liberdade é boa para quem a sabe apreciar e comprehender, é um perigo para quem d'ella faz licença e se despe de escrupulos; os indigenas, pela sua insufficiencia intellectual, pela sua inexperiencia e simplicidade precisam de ser desvelada e sinceramente protegidos de toda a exploração, de toda a avidez e influencia prejudicial; o livre transito do china desmoralisa e desnacionalisa o commercio e torna ao europeu impossivel a vida. As disposições em vigor na colonia relativas a commerciantes são as portarias districtaes n.º 34 de 29-5-1896 e n.º 19 de 8-5-1909.

Habito, amor ou repugnancia ao trabalho, sobriedade e bebida

Já dissemos que o timor não tinha habitos de trabalho, qualquer esforço seguido o prostra e desanima; fazer o menos possivel, não ter cuidados nem canceiras são as aspirações de todo o bom timorense. O carregar é um tormento embora o fardo seja leve; magnificos andarilhos e bons trepadores, seguem ajouçados pela ladeira com qualquer carga insignificante, ao passo que se não aperceberão do suor que lhes cubra o torso, da aspereza do caminho e fadiga da longada se os honrarem com o transporte do espingardão mais pesado e inutil; a sua indole guerreira satisfeita torna-os activos e tempera-lhes os musculos. Os indigenas são d'uma grande frugalidade e nunca se preocupam com alimentação; com um pequeno *cóhé* (burnal) a tiracollo com *ápa* (bolo de farinha) ou umas espigas ou batatas, estão promptos a atravessar a ilha; por onde passam approvisionam-se, as fontes, ribeiras ou palmeiras matam-lhes a sede; no matto ha fructos silvestres, ha fructa pão (*artocarpus*) que os soccorrem e bambuaes que lhes fornecem panella e fogo. No matto é muito vulgar um feijoeiro que dá uma vagem com um feijão a que chamam *cóto* que é muito saboroso mas muito venenoso tambem e se torna preciso coser em varias aguas mais de oito vezes, em tempos de guerra os indigenas empregam o *cóto* para envenenar os poços, sendo muito perigoso utilisar a (*bé mata*) agua empoçada; é veneno que mata em poucas horas. O timor é dado a excessos de bebida mas a bebedeira não é tão vulgar entre elles como entre as raças africanas; a sua bebida predilecta é a canipa, feita d'alcool de canna de assucar ou o vinho *sabu* feito de sóros de palmeiras que deixam fermentar e destillam por occasião dos *estylos*, *cabes* (casamentos) ou *acoi mates* (fallecimentos); a sobriedade e tempe-

rança dos indigenas é posta de lado. Quanto mais se sóbe na hierarchia timorense mais se vulgarisam os excessos e se pratica o ocio.

Natureza dos contractos de trabalhadores nos centros de producção e trabalho, natureza do paiz a atravessar e meios de transporte

Os contractos de prestação de serviços agricolas são feitos perante as auctoridades administrativas e militares em harmonia com a legislação em vigôr, já por nós indicada. Os proprietarios quando não conseguem obter trabalhadores, o que quasi sempre succede fóra da area de Delly, enviam as suas requisições ás auctoridades que se dirigem aos chefes indigenas indicando-lhes o numero de trabalhadores precisos, condições dos contractos, salarios etc., e pela auctoridade são enviados os trabalhadores requisitados. Os trabalhadores obtidos n'estas condições são sempre maus e todos os mezes se substituem, de fórma que quasi ninguem gosta de recorrer a tal meio e preferem contractar por prazos superiores a um anno, já para regularidade de serviço, já para garantia d'uma boa execução do trabalho, porque pela moderação, pelo exemplo, pela affabilidade, consegue-se fazer-se-lhes apreciar a vida livre das tyrannias e exacções dos chefes e consegue-se crear-lhes habitos de trabalho e os que os criam renovam os contractos e vivem contentes no novo regimen de vida, e os proprietarios obteem um pessoal mais destro. Como já disse-mos, só em *Suai Vêmasse* e *Viqueque* se obteem trabalhadores que vão facilmente servir fóra dos seus districtos; os jornaleiros chamados auxiliares estão sempre em contacto com os seus centros de habitação e nenhum indigena é compellido a trabalhar fóra do seu districto. O sólo de *Timor*, como se disse, é muito accidentado; ravinas profundas e caudalosos ribeiros no tempo das chuvas interrompem as communicações que se fazem a pé, no que os timores mostram uma resistencia enorme, um alento herculeo; teem pulmões d'aço. Os transportes na colonia perto da costa fazem-se pela via maritima no interior empregando homens e cavallos muito resistentes tambem e bem lançados.

Economias dos trabalhadores e regresso ao seu paiz de origem

Não se contractam indigenas para serviço fóra da colonia; os timores, como todos os povos primitivos, não possuem espirito economico mas quando veem como jornaleiros (auxiliares) trabalhar gastam o menos possivel para poder comprar presentes á familia no regresso aos lares se não teem perto as povoações. O governo, com o fim de educar no trabalho e nas officinas os indigenas, tem conservado a antiga usança do onus braçal, isto é, alguns reinos pelos seus actos de vassallagem tinham de fornecer para as obras publicas do Estado um certo numero de homens validos a que chamavam (auxiliares); estes indigenas de 1895 em diante começaram a ser pagos pelas obras publicas e os seus salarios incluídos nos orçamentos das obras a executar; durante a ausencia dos reinos d'estes auxiliares as familias mandam-lhes os (*bocoes*), generos para se alimentarem, de fórma que os salarios são guardados ou empregados em especulações de modo a poderem utilisal-os chegada a epoca do trôco, geralmente de tres em tres mezes, e poderem comprar presentes de toda a especie para a familia. A distribuição d'esta obrigação pelos povos é da responsabilidade dos chefes e elles são encarregados tambem de fazer o trôco em epocas

proprias. Com estes auxiliares vem sempre um numero maior do que o preciso, com o fim de se revesarem, cobrirem as baixas e se manterem em constantes relações com os reinos a que pertencem e porisso chegada a epoca do rendimento estafetas especiaes são enviados a lembrar aos chefes que é tempo de trôco, pois muito bem sabem os indigenas que os seus chefes teem fraca memoria e perdida a noção do tempo.

**Se o conhecimento das condições em que os trabalhadores
voltam ao seu paiz de origem arrasta os seus compatriotas a imital-os
contractando-se livremente**

O timor, habituado ao jugo despotico dos seus chefes naturaes, a seguil-os sem reflexão, aborrecendo todo o esforço mental e escravizando por indolencia, por habito o seu arbitrio, desacostumado de formar opinião, é essencialmente crédulo e porisso está sempre sob a influencia das arteirices dos chefes; a estes não lhes convém que os povos se affastem, que procurem trabalho longe, quaesquer que sejam as vantagens que se lhes offerçam, porque vivem á custa do povo que lhes cultiva as terras, sustenta os vicios e conservam a importancia; um reino ou chefe é tanto mais (*bóôte*) grande quanto maior o numero de gente que lhe reconhece a auctoridade. Os chefes temem sempre o contacto das suas gentes com os europeus, receiando criem ideias de resistencia, de independencia para com elles e porisso perturbam-lhes o espirito com narrativas attentatorias dos seus *estyl*os cujo desrespeito lhes acarreta desgraças e são de facto os maiores propagandistas da ociosidade, da resistencia ao trabalho methodico e aturado dos europeus e d'ahi a percentagem pequena de trabalhadores que se encontra em relação á população da ilha e a necessidade do recurso ás auctoridades para se obterem. Só os que já teem servido em propriedades europeias ou pertencem a reinos que pelos seus usos costumam periodicamente deixar as suas casas, procuram trabalho; os de Viqueque e Vemassee preferem ser (*matrózes*) creados, em casas de negociantes ou guardadores de gado e os de Suai preferem o serviço de recovagens nas epocas do café e cóрте do sandalo. A educação do timor no trabalho methodico e aturado é longa e demanda muita paciencia, muita bonhomia; é preciso fazer-lhes crear novas ideias, rasgar-lhes novos horisontes, fazer-lhes ter ambições, apreciar habitos de conforto, socêgo, bem estar, a que não estão habituados e lutar-se contra a desconfiança que os seus chefes lhes inculcaram deixando-os reconhecer o espirito mesquinho e ganancioso dos chefes que os illudem e exploram e porisso é trabalho a que muitas energias succumbem.

A falta do colono europeu que se installe e ligue o seu interesse ao sólo, a sua pouca permanencia na colonia, não dando ao indigena o exemplo do trabalho, concorre tambem muito para se não diffundir o amor por este e torna mais difficil a aprendizagem; a creação d'uma colonia agricola em região apropriada seria de alta vantagem para o progresso da colonia e educação agricola dos indigenas. Do quanto póde a vontade bem dirigida, a paciencia, a justiça, o bom agasalho e o carinho, são exemplo notavel a permanencia que teem os contractados da Sociedade Agricola Patria e Trabalho e a serena alegria que manifestam nos seus folgares e cuidada compostura e aceio com que se apresentam; a regularidade no viver fez-lhes nascer habitos que apezar das investidas de naturaes e invejas exercitadas não teem levado os trabalhadores ali em serviço a abandonar o trabalho seguido n'umas plantações em laboração activa. E' possivel educar-se e

aproveitar-se o indigena; o exemplo está dado, a aprendizagem e conservação são morosas e dispendiosas porque nem sempre ha trabalho para dar a um pessoal numeroso fóra das colheitas e preparos do café a cuja exploração se dá a sociedade a que nos referimos, mas as vantagens que resultam d'um pessoal adestrado e n'um meio como o de Timor facilmente se reconhecem e apreciam. Na colonia existe uma plantação do governo chamada do *Remexio* que primeiramente foi aproveitada para obter viveiros e dar pratica de café e cultura a europeus e indigenas que depois foram pelo paiz ensinar a maneira de tratar as plantações e promover o seu desenvolvimento e muitos milhares de plantas sahiram gratuitamente dos viveiros d'esta plantação; os beneficios de tal pratica fazem-se sentir hoje pelo augmento de producção e apesar de acerbas e desapiedadas criticas imbecilmente feitas considerando apenas o rendimento das colheitas d'esta plantação ellas não acharam echo porque mais uma propriedade para escola foi feita, a granja de *Liquiça*. Nunca pôde ser perdido quanto em Timor se faça para animar a café-cultura e estabelecer a polycultura, educar e incutir habitos de trabalho aos indigenas propensos á indolencia e á vadiagem. A convivencia, as vantagens d'uma vida regularisada a remuneração de serviços, não deixam de os impressionar e dispôr bem e do quanto acabam por apreciar a nova vida mostra-o a facilidade com que os contractados renovam livremente os seus contractos quando tratados com humanidade; porisso os chefes indigenas reagem e todas as attenções para neutralisar a sua influencia devem ser prestadas.

Quatorze regulos vimos não serem substituidos apoz o seu fallecimento ou serem destituidos por incapacidade moral ou sedição e os povos com manifesta vantagem directamente collocados sob a acção da auctoridade administrativa e a paz manter-se durante annos seguidos; outro criterio porém alterou a orientação seguida e já não poucas contrariedades teem surgido. Em Timor o que ha de peor são os chefes indigenas, toda a politica deve visar a cercear-lhes as prerogativas, a tirar-lhes influencia, fazendo d'elles uns associados sim, dependentes da auctoridade do governador de quem lhes virá o prestigio e influencia e como simples intermediarios não terem poderes de derimir directamente pleitos nem applicar multas mas serem ouvidos em tudo quanto respeite aos interesses indigenas, exigindo d'elles o conhecimento da lingua portugueza escripta e fallada e das leis em vigor na colonia. Dos chefes indigenas fizeram os hollandezes magnificos auxiliares depois de haverem substituido a sua á auctoridade discrecionista d'elles e chefes e povos vivem bem mais felizes agora de que viviam outróra roídos de invejas em luctas e intrigas constantes. Os chefes indigenas quando fornecem trabalhadores requisitados pelas auctoridades recebem do proprietario dez centimos de pataca ou cincoenta e quatro réis por cada trabalhador e porisso tambem lhes convém que o pessoal se renove o maior numero de vezes. Os melhores agentes para angariar trabalhadores são os contractados; estes vão pouco a pouco chamando para junto de si a familia ou a criam e adquirindo habitos de trabalho vão-se fixando nos centros de producção. Os grandes estylos dos (*acoi-mates*) enterramentos e (*barlaques*), noivados, em que a familia, os parentes todos se reúnem chamam-os temporariamente aos seus paizes de origem e para isso obteem licenças nas feitorias pelo tempo que desejem consagrar aos seus deveres de parentesco.

Renovação de contractos

Como dissémos, o pessoal contractado, acostumado a essa nova vida, prefere continua-la e renova os contractos que podem ser feitos por prazos de um a cinco annos mas

ordinariamente fazem-se por um anno com as mesmas condições dos primitivos contractos e sempre na presença da auctoridade administrativa.

Instituições nos centros de produção e de trabalho para a educação, instrução e segurança contra doenças, accidentes e morte e para assistência aos trabalhadores

Nas sédes dos commandos, que são sédes de missões, ha escolas primarias a cargo dos respectivos missionarios e o secretario do governo, que é o fiscal das escolas, tem que annualmente as percorrer e apresentar um relatorio ao governador, mappas da frequencia e aproveitamento dos alumnos são remettidos mensalmente para a secretaria do governo. As escolas do sexo feminino acham-se a cargo de professoras nomeadas pelo governo da colonia e pagas pelos municipios. A frequencia e ensino das escolas é muito limitada, os chefes indigenas não querem que outros que não sejam os das suas familias frequentem as escolas, porque os indigenas que sabem ler e escrever entendem que já não devem trabalhar e ás escolas é preciso alterar-lhes o seu regimen de ensino fazendo d'ellas escolas de artes e officios, preparando operarios de preferencia a letrados ociosos e sobre a criação de escolas praticas e de trabalho estudos existem já feitos na secretaria do Ultramar. Nas plantações da Sociedade Agricola Patria e Trabalho ha escolas do sexo masculino e feminino onde as creanças aprendem a lêr, escrever e contar, lhes ministram praticas de religião e moral, trabalhos de costura e trabalhos agricolas, para o que acompanham os serviços da feitoria acompanhados e guiados pelo pessoal adjunto encarregado de lhes dispensar cuidados e de os guardar e cada escola tem o seu regulamento especial. Nas plantações ha enfermarias para casos occorrentes e pouco perigosos, as quaes estão a cargo de enfermeiros de longa pratica hospitalar e quando os doentes não podem alli ser tratados são removidos para o hospital do governo e alli tratados á custa dos proprietarios. Aos convalescentes ou incapazes de serviço pela sua idade ou qualquer circumstancia fortuita continua-se a prestar-lhes os cuidados que requerem, sendo alimentados e vestidos a expensas da sociedade.

Não existem instituições de credito que animem a formação de economias creando-lhe interesses e o timor tambem se não preocupa com o dia seguinte; enquanto tem gasta e não trabalha; de habitos simples e ambições limitadas, indolente e desconfiado, não dá valor ao dinheiro, não se preocupa com lucros nem entrega o que recebe; o que póde é não receber quanto ganha uma vez satisfeitos todos os appetites. Nas plantações da sociedade de que temos fallado cada trabalhador e contractado tem uma caderneta com a sua conta corrente e abonos lhe vão sendo feitos á medida que os requerem e cabem nos saldos que teem ou se lhes fazem certos adeantamentos se pelo seu comportamento os merecem; no regulamento interno d'esta sociedade é auctorizado o acceite de depositos á ordem e juro de 3 % aos trabalhadores só. Na colonia existe um regulamento para os creados de servir pelo qual todos os creados são matriculados na administração do concelho e aos patrões lhes é imposta a obrigação de fazer matricular quaesquer creados que recebam de novo e ainda não tenham matricula. Quando alguma familia chega de novo á colonia e pretende serviçaes póde pedil-os na administração do concelho que lh'os envia; cada serviçal tem o seu livrete de matricula com o vencimento a que tem direito dentro ou fóra da cidade. N'esse livrete é obrigado o patrão a lançar os pagamen-

tos, abonos e informações quando despeça o serviçal e os castigos e multas que a auctoridade lhe imponha são também registados. As multas applicadas a serviçaes dão entrada n'um cofre a cargo da auctoridade administrativa e por elle são dados auxilios aos serviçaes que por falta de emprego ou saude os necessitem. Os patrões quando despedem os serviçaes teem que participal-o á auctoridade administrativa.

Colonos

Em Timor é o seu numero muito limitado; a injusta fama de insalubridade, o seu afastamento da metropole, a falta de capitaes, a difficuldade de communicações e custo das viagens teem d'ali afastado a emigração europea, mas os poucos colonos que para ali teem ido provam quão possível era nos planaltos e montanhas frescas e fertéis adaptarem-se ao meio e acclimataram-se empregando na agricultura os seus recursos physicos e materiaes com todas as probabilidades de exito e esperanças de boa renumeração do seu trabalho. Nós sabemos que a acclimação da raça branca nos paizes muito mais quentes do que aquelles em que habitualmente vive se não faz com facilidade, mas a verdade é que a nossa raça pela sua situação geographica acha-se já a meio caminho para resistir com vantagem a uma permanencia nos climas quentes e a verdade é que a raça branca, pela sua aptidão a acclimatar-se e aptidão intellectual, é o elemento vivaz de toda a colonisação, é a unica que tem formado colonias. Para nós temos como factor principal de um rapido progresso da colonia a necessidade de se promover a colonisação e não seria difficil talvez encontrar nas ilhas *Sandwich* compatriotas nossos que acceitassem passagens e terrenos para cultivar. Do que temos dito sobre o character e aptidão dos indigenas não é licito esperar senão progressos muito lentos e a verdade é que no campo da sciencia ou no campo social os movimentos se acceleram sem cessar. A melhor epoca para entrada na colonia é em Maio, o que permite ao colono passar a epoca secca e fresca que vae até Dezembro sem que sinta muito a transição para um clima quente, para poder affronter as modificações do meio, habituar o organismo e transformar os seus habitos segundo as exigencias do novo clima.

Os colonos devem ter mais de quatorze e menos de quarenta annos, preferindo os que fossem casados e tivessem familia, sendo porém para desejar que os que a não tivessem a constituíssem ligando-se com os indigenas, o que daria logar a cruzamentos eugenesicos e de valor como já vimos alguns. As nossas populações não teem preparação nenhuma para emigrar e são muito renitentes a alterar habitos, dando-se a excessos de bebida, mas teem a vantagem de ser muito sobrios e activos e o exercicio é absolutamente indispensavel nos paizes quentes; ainda que contrariados teem de tornar-se regrados porque a bebida a que estão costumados é cara, os vestimentos também não são proprios, mas o habito de andarem em mangas de camisa e á vontade no trabalho, faz com que se não façam sentir os inconvenientes do traje.

A sociedade Agricola Patria e Trabalho é a que emprega maior numero de europeus que gosam de boa saude e são empregados em industrializar os indigenas, a utilizar os engenhos agricolas e dirigi-los nas culturas em que o sólo precisa de ser preparado e adubado; os europeus dirigem e os indigenas executam, mas a verdade é que não sentem a saude abalada mesmo quando sós teem de executar os trabalhos por falta de pessoal indigena industrializado; o clima das montanhas é perfeitamente proprio para o europeu viver

e trabalhar e a 600^m de altitude, já nem mosquitos tem para o incommodar. Nunca houve importação de escravos, e a escravidão que em remotas eras houve em Timor em resultado de luctas feridas, era tão leve, tão despida de coacções que todos os vencidos se sujeitavam sem constrangimento a viver com os novos amigos, e á sinceridade e lhaneza da recepção no seio da nova familia correspondiam com toda a boa vontade e interesse na prestação de serviços, accomodando-se a uma situação que os deixava em inteira liberdade. Os colonos que alli cheguem vão pois encontrar-se com povos acostumados a viver em liberdade, que se não deixam opprimir e portanto teem de cuidar em si e trabalhar ou pedir auxilio aos indigenas, ensinando-os e remunerando-lhes os serviços.

Considerações geraes

Do que com verdade e despretenciosamente temos dito sobre *Timor* vê-se que se não é brilhante a sua situação, está muito longe de ser desanimadora e se pôde e deve valorisar a colonia, fazel-a progredir, conquistar com methodo e persistencia as successivas étapes da civilisação, da producção e da riqueza a que tem jus pelas suas condições demographicas, agricolas e mineralogicas. Dada uma succinta ideia do meio colonial devemos empregar todos os esforços em continuar a modifical-o, mas segundo preceitos scientificos e duradouros, exercendo a nossa acção interventora sobre os tres pontos de vista da civilisação do indigena, da acclimação do europeu e da administração colonial. Para o primeiro achamos preferivel o methodo da fusão, ligando o indigena pelo interesse e pelo sangue, estreitando as relações e convívio com o europeu creando-lhe necessidades e hábitos de trabalho, modificando o regimen escolar dando-lhe uma feição pratica profissional, ensinando-lhe principios de agricultura deixando-lhe reconhecer as vantagens em trabalhos feitos nas granjas officiaes. Para o segundo deveriamos animar e facilitar a emigração concedendo passagens a colonos, preferindo os casados e que não estejam exhaustos de meios, deixando-os e não nos preocupando mais com elles depois de lhes haverem distribuido terras situadas em clima proprio, bem como alfaias agricolas e sementes para o primeiro anno; possuímos Timor ha quatro seculos quasi e o que se tem feito n'este caminho nada é. Em vez da concessão gratuita de terrenos preferivel seria a compra livre aos indigenas ou a venda a prazo aos colonos com liberdade da escolha de terrenos, como se pratica na Australia e Canadá que tão bons resultados tem dado, mas infelizmente temos de nos mostrar mais faceis de contentar, porque quer um quer outro paiz já mostraram o que valiam e a corrente emigratoria dispõe d'outra bagagem scientifica e d'outros recursos materiaes. As concessões de terrenos gratuitos e criação de colonias agricolas não teem correspondido ás esperanças que n'ellas se depositaram, porque a colonisação official tende sempre a realisar uma concepção ideal cheia de minucias, de exigencias, de excessivas cautellas com a sorte dos colonos, acostuma-os a ter quem por elles pense e lhes suppra as faltas, perdem a iniciativa e não porfiam na lucta. Ha alguns annos pretenderam colonos portuguezes vivendo em Honolulu em lucta contra a concorrência e invasão chinesa e japoneza procurar vida menos afadigada na nossa colonia de *Timor* e entraram em relações com o governo local sobre facilidades de viagem e qualquer pequeno auxilio; infelizmente não se lhes poudé satisfazer os desejos e perdeu-se uma boa occasião de lançar um nucleo importante de colonos.

Para o terceiro entendemos que a um paiz novo conveem leis novas e á administra-

ção colonial se deve deixar inteira liberdade dentro dos limites orçamentais; a ingerencia centralisante da metropole tende sempre a transformar em cadeias os laços que a principio apresenta e aperta com carinho; a nossa maior e melhor colonia foi o Brazil e talvez pela liberdade que gozou e desprezo a que foi votada. A metropole impondo a applicação das suas leis a populações que mal emergem do estado primitivo deixa-as aturdi-das e lança-as na maior desordem moral; em vez de as captar e tornar confiantes afu-genta-as e fal-as desconfiadas, porque não comprehendendo taes leis e receiando sempre infringil-as, fogem do convivio com receio de commetter faltas. Cada colonia deve viver com os seus proprios recursos e ter uma administração autonoma mas em harmonia com elles, transferindo para a metropole todas as despezas de soberania. Para cada colonia em especial formar-se um plano de melhoramentos de toda a ordem e progressos a realizar marcando-lhe os limites a attingir, não podendo nenhuma auctoridade local alterar nenhuma das suas bases, ficando porém com a maior iniciativa dentro d'esses limites e com as maio-res responsabilidades; emfim a metropole deve inspirar-se em ideias liberaes de fórma que sem abandonar a colonia a deixe entregue á sua livre evolução, tornando porém cada vez mais estreitas as relações commerciaes dando-lhes aos seus productos compensações pautaes que lhe permittam apezar da distancia e falta de navegação directa, concorrer aos mercados europeus. A metropole não deve deixar desnacionalisar-se o commercio difficultando os passeios mercantis dos chinas pela colonia de fórma a evitar a concorren-cia esmagadora para os europeus.

FIM

Tabella I

Decreto de 17 de Junho de 1909

Concelhos e commandos militares	Sédes	Reinos e terras comprehendidas	Postos militares subordinados
Dilly	Dilly	Villa de Dilly, povoação de Lahane, ilha de Atauro (Pulo Cambing)	Ture (Atauro)
Liquiçá	Liquiçá	Reinos de Liquiçá, Boibau, Ulmera, Fatumasse, Pisso, Maubara e villas de Liquiçá, Maubara e Aipello	Aipello e Maubara
Manatuto	Manatuto	Reinos de Manatuto, Laleia, Cairui, Barique, Laclubar, Samóro, Lacló, jurisdição de Quirás e sucos de Ilieu e Laicôr	Laclubar
Baucau	Baucau	Reinos de Vémasse, Ossu, Ossurôa, Bercole, Vinilale, Vessôro, Laga, Lacluta, Dilôr, Luca, Viqueque, terras de Bibiluto, de moradores de Baucau, jurisdição de Aimorin, Quelecae, Fatulia e Ossuala	Ossu, Viqueque e Dilor
Lautem	Lautem	Reinos de Sama, Faturó, Sarau, Ilomar, jurisdições de Lai Vai e Barliu	Laivai e Ilomar 4 postos ainda não fixados
Motael	Motael	Reinos de Motael, Ermera, Turisca, Caimauc, Manumera e jurisdição de Carahile	Ailleu e Remexio
Manufahe	Same	Reinos de Manufahe, Tutuluro, Bibiçusso, Dotic, Allas e Vetano	Fatu-Berlin
Hatu-Lia	Hatu-Lia	Reinos de Deribate, Atsabe, Cailaco e jurisdições de Marôbo, Suro, Leimea e Obulo	Cailaco e Thiarlelo
Batugadé	Batugadé	Reinos de Atavai, Erlelo, Cová, Balibó e jurisdição de Liu Lima	Balibó, Quila, Vé-Mutin e Nuno Ura
Lamaquitos	Bubonaro	Reinos de Lamaquitos, Lolo-Toi, Marôbo, Raimea, Camenassa, Suai, Forem, Fatumean, Dacolo, Loquen, Lalaba, Cassa, Bauc e Folofaic.	Memo, Lebos, Lolo-toi-Suai e Forem
Ocusse	Ponta-Makassar	Reinos de Occusse e Ambeno	

Quadro I

Boletim necrologico mensal da cidade de Dilly
e seus arredores

Fallecidos durante o mez de Julho de 1904				Hospital D. Carlos	Na cidade	Nos suburbios	Total
Sexo....	{	Masculino		2	5	1	8
		Feminino.....		1	4	—	5
Edade...	{	0 até 1 anno.....		—	2	—	—
		2 a 15 annos.....		—	2	—	—
		16 a 20 annos.....		1	—	—	—
		21 a 30 annos.....		1	2	—	—
		31 a 40 annos.....		—	1	—	—
		41 a 50 annos.....		—	2	—	—
Origem e nacionalidade — portuguezes	{	Asiaticos.....		—	2	—	—
		Australasicos.....		3	7	1	—
		Paludismo.....		—	5	—	—
		Epidemicas { Febre perniciosa .		1	—	—	—
		Tuberculose		—	2	—	—
		Beri-beri		—	1	—	—
		Escrofulose.....		1	—	—	—
		Anemia		1	—	—	—
		Individuaes {					
		Doenças {					
Causas de obito {	{	apparelhos: Respiratorio		—	—	—	—
		Total.....		—	—	—	13

N. B. — Escolheu-se o mez de Julho por ser o mais doentio para as raças de côr.

Quadro II

Hospital D. Carlos I

Mappa noso-necrologico referido ao mez de Janeiro
de 1908

Nomes das doenças	Raça				Temperamento			Constituição			Exito				Edade			
	Branca	Parda	Negra	Mixto	Mixto	Lymphatico	Nervoso	Regular	Forte	Fraca	Curados	Melhorados	Fallecidos	Ficam	De 16 aos 20	De 21 a 30	De 31 a 40	De 41 a 50
Anemia	—	1	—	—	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—
Abcesso frio	—	—	1	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—
Blennorrhagia	4	—	1	—	5	—	—	4	1	—	2	—	—	3	1	2	1	1
Cancro venereo	1	1	—	—	2	—	—	2	—	—	1	—	—	1	—	2	—	—
Febre palustre	1	4	1	—	5	—	1	4	1	—	5	—	—	—	—	2	3	—
Grippe	—	—	1	—	1	—	—	—	1	—	—	1	—	—	—	1	—	—
Sarcoma do peito	—	1	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	1	—	—	—	1	—
Syphilis primaria	—	1	—	—	—	1	—	—	—	1	—	1	—	—	—	1	—	—
Idem secundaria ulcerosa.....	1	—	1	—	2	—	—	2	—	—	—	—	—	2	—	2	—	—
Tuberculose pulmonar.....	—	2	2	1	5	—	—	5	—	—	—	—	3	2	—	4	1	—
Keratite phlyctenular.....	—	—	1	—	1	—	—	—	1	—	1	—	—	—	—	—	1	—
Nevralgia lombar.....	1	—	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—
Entero colite chronica.....	—	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—
Prisão de ventre	—	—	1	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—
Abcesso no braço	—	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—
Bôbas	—	2	—	—	2	—	—	2	—	—	—	—	—	2	—	2	—	—
Feridas incisa e supurada.....	—	3	—	—	3	—	—	3	—	—	2	—	—	1	—	1	—	—
Idem por esmagamento	—	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—
Herpes Zoster.....	—	1	—	—	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—
Ulceras variadas.....	—	3	—	—	3	—	—	3	—	—	1	—	—	2	—	3	—	—

N. B. — Foi escolhido o mez de Janeiro por ser um dos mezes mais doentes para os europeus.